coisas, elas nascem espontaneamente mas, para que elas continuem bem, inclusive defendendo esse espontâneo, esse real, esse verdadeiro, elas têm que ter um embasamento científico, as coisas não brotam do chão. Então, eu acho que as pessoas participam desse embasamento, desse trabalho, cada uma dentro daquilo que ela pode dar nesse trabalho. Então, acho que a palavra museólogo, sociólogo, antropólogo, ele não deve intimidar e nem deve ser uma barreira, um biombo contra a comunidade que quer alguma coisa. Não, ela tem que ser bem vinda para que esse trabalho se faça em boas bases. Agora, essas pessoas da área, digamos assim, científica, elas têm que ter uma humildade de saber, de estarem imbuídas que, ao ter contato com uma comunidade, elas não sabem nada dessa comunidade. Porque, realmente, o que está escrito nos livros, nos documentos etc. e tal nos dá um caminho até um certo ponto porque a verdade, o funcionamento, o orgânico que há nessa comunidade, só vocês, os moradores, podem trocar, nos dar, preservar e dar continuidade ao projeto, senão, esse projeto, ele começa, mas ele vai terminar rapidamente.

Alguma pergunta ou colocação a mais? Bom, nós temos planejado uma sessão de vídeos, que já está com 1 hora de atraso, mas que ela poderá ser ainda passada aqui, de meio-dia até a 1. Então, aqueles que tiverem essa disponibilidade, podem ficar para ver essa sessão. E nós gostaríamos de agradecer imensamente a palestra do Mário Moutinho, a colocação dele e agradecer, principalmente, a vocês que hoje começaram a desabrochar porque, até ontem, a gente sentia todo mundo olhando muito para a gente mas como quem diz assim, qual é a hora que eu vou entrar? Então, eu não gosto muito também da palavra ator, mas eu acho que hoje nós nos identificamos, não é, nessa troca. Então, a coisa está começando a esquentar. Eu acho que, daí para a frente, muita coisa boa vai sair nessa troca imensa que a gente pode ter, não é? Eu espero, então, que, na sessão da tarde, este crescendo alcance grandes temperaturas. Obrigada.

CAPÍTULO VI

PAINEL 2 - EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS: MUSEUS A CÉU ABERTO

DIA
20 de maio de 1992

HORA
14:30 horas

PRESIDENTE DA MESA
Fernanda Camargo-Moro
Presidente do Comitê Internacional de Arqueologia e História do ICOM (ICMAH)

PALESTRANTES
Lourdes Rego Novaes
Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM
Márcio D'Olne Campos
Diretor do Observatório a Olho Nu - Campinas
Mário Chagas de Souza
Chefe da Divisão de Dinâmica Cultural do Museu Histórico Nacional
Maria Regina Mendonça Furtado de Mattos
Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá
Áurea Maria de Freitas Carvalho
Historiadora

Fernanda Camargo-Moro

Boa tarde. Vamos tentar cumprir este programa, na medida do possível, mas é um programa muito forte pelo pouco tempo que dispomos. Então eu dou a palavra agora ao Márcio D'Olne Campos

Márcio D'Olne Campos

Bom. Em primeiro lugar eu queria agradecer o convite que me foi feito de mais uma vez estar entre museólogos. Com algumas ousadias interdisciplinares, algumas transdisciplinares que eu tenho feito ao longo dos últimos 10, 15 anos e ao mesmo tempo eu, nesse momento, eu te-

nho uma lembrança muito forte sobretudo da última vez que eu falei junto a museólogos no seminário latino-americano. E a convite de uma pessoa que, digamos que, me convidou, me chamou, me introduziu nesse meio minha querida amiga... que infelizmente não está mais entre nós. Eu queria, justamente, fazer essa homenagem, a minha emoção é muito grande, de estar aqui falando e, constantemente, pensando nela durante o tempo em que eu preparei essa palestra. E selecionei os *slides* de uma experiência de praça-observatório na qual ela teria participado, nós participamos, dois amigos de ..., Paulo Bastos e eu nesse projeto de praças-observatório.

Eu, em função dessa questão do tempo que a Fernanda mencionou, eu vou tentar ser mais breve do que eu pensava, contrariando a minha própria vontade. Em geral, eu vou tentar ler um esboço de texto que eu fiz, fazendo comentários e depois, então passar os *slides*, por uma questão de ganhar tempo. E eu gostaria de falar sobre a questão da consciência ambiental e a relação disso com as relações céu e terra. Lembrando ainda esse seminário latino-americano, o desafio que me levou a enfrentar foi o de falar sobre o patrimônio cultural latino-americano nas relações céu e terra. E, de certa forma, nós vamos falar dessas coisas. E esse desafio foi duplo porque uma certa contradição nessa idéia de patrimônio cultural vai aparecer em algumas entrelinhas aqui do texto, uma vez que eu tenho uma inspiração muito grande para a realização do observatório a olho nu de Campinas e dessas praças-observatório e do conhecimento indígena. Portanto nos diversos patrimônios culturais situados no território das Américas que, talvez nós não possamos chamar de Latino-americano por causa da carga do conquistador, sobretudo nessa era em que se pensa na descoberta me lembrando de uma pergunta feita pelo poeta José Paulo Pais que indaga o seguinte: Quando o Brasil foi descoberto será que ele sentiu frio? De modo que essa minha fala é também uma indagação onde, a indagação, é em que medida, Aldebarã?

Observatório a olho nu, se aproxima da idéia de um ecomuseu ou se aproximará. E a resposta eu gostaria de ouvir do comentário de vocês. Nesse momento que antecede a realização, no Rio, da Eco 92, vale insistir na presença humana no planeta quando da consideração de problemas que reclamam soluções urgentes e práticas para a crise global. Insistindo em uma ecologia que integre a diversidade biológica de fauna e flora na diversidade sociocultural do planeta. Dentro da qual os povos da floresta são os principais mantenedores da primeira: a diversidade das vidas. E só pensarmos que os bancos genéticos mantêm apenas 1% da biodiversidade do planeta. Isso pensando em grãos, em trigo, cevada etc. E que além disso não há garantia que numa crise alimentar global essas sementes fora de contexto vingarão dentro da diversidade ambiental. Como dizem os Caiapós, e especialmente o sábio... existem plantas amigas e inimigas entre si e deve-se plantar, juntas, as plantas amigas.

Essa amizade, certamente, não é construída dentro dos bancos de germo plasma. O que nos interessa aqui, então é justamente essa forma pela qual essa diversidade abstrata dos tempos com que lidamos se representa, em comportamentos e símbolos na diversidade dos espaços ou lugares contextos de vida, próximos ou não de nós. Começo lembrando uma citação sobre o cosmólogo que, no fim do século passado, descobriu o urânio e foi responsável por uma teoria sobre a evolução das estrelas. Essa citação é de Medows em um livro sobre estrelas, e que diz o seguinte: "Sir..., cento e cinquenta anos atrás, já podia contar para essa dificuldade primordial no estudo de estrelas". Ele comparou o astrônomo como um homem que, nunca tendo visto uma árvore em sua vida, é abandonado à caminhar por uma hora através de uma floresta. Durante esse tempo ele não poderia ver uma só mudança ocorrer em qualquer das árvores. No entanto ele veria brotos, árvores jovens, árvores maduras, e ele veria troncos de árvores morrendo e outros sem vida. Fosse ele, suficientemente experto para articular peças de evidência a partir de sua breve excursão e lhe seria então possível reconstituir a estória de vida de uma árvore.

Isso traduz, com precisão, a relação entre nossas observações das estrelas e nossas teorias sobre como elas evoluem. As primeiras nos contentam sobre a situação presente. A última tenta explicá-la. Então a partir do ciclo

de vida de uma árvore nós podemos nos perguntar como seria a segunda visita desse caminhante em um período inferior a um ano. Apenas dentro de uma mudança de estações. E também como seria uma terceira visita dele muitos anos mais tarde.

Na segunda visita ele estaria diante de modificações sazonais, associadas à circularidade do tempo. Nessas repetições, as mudanças em flores, frutos e folhas seriam certamente mais percebidas ou melhor percebidas do que as mudanças nos troncos das árvores. Por outro lado, na terceira visita, muito mais tarde, o caminhante constataria crescimentos e envelhecimentos agora, especialmente nos troncos tendo uma idéia da passagem de um tempo representado como linear. Uma escala em que representa o tempo. Esse envelhecimento seria também o do observador, aí eu lembro, o observador, participador, ao mesmo tempo. Marcado por quem, por que, pela flecha do tempo.

Então eu tenho uma idéia de um círculo do tempo e uma idéia de uma flecha do tempo. Nesse círculo do tempo os fatos voltam à cada estação. Grupos indígenas e sociedades mais distantes da sociedade tecnológica, atentas aos rituais e exercendo um manejo mais adequado dos recursos naturais, organizam-se em um calendário ecológico de fenômenos do círculo do tempo comparáveis ao que se esconde por traz das nossas folhinhas, tabelas de números. A flecha e o círculo combinam-se, então para formar a espiral do tempo. Onde eventos sazonais, históricos, mitológicos articulam-se entre permanência e mudança.

As dimensões cósmicas mais simbólicas e sagradas, sem passado, presente e futuro, se fazem então, representar na vida quotidiana através de espíritos e da espiritualidade do sagrado, do comunitário muito presente nessas sóctedades afastadas da civilização tecnológica. Nesse caso a postura de percepção, observação, participação não precisa necessariamente do campo ou da zona rural para nós estarmos em boa consciência ecológica. É preciso que essa seja uma postura de vida do homem urbano. Que muitas vezes se nega a perceber, na circularidade do tempo, no seu ambiente, para se mostrar conservacionista apenas no campo e no fim de semana, quando pode.

Na cidade pode-se sim notar as estrelas mais brilhantes do céu nos seus ciclos de aparecimento. Os flamboyans florescendo em novembro na lagoa Rodrigo de Freitas. A época em que se compra caqui mais barato nas feiras livres. Os engarrafamentos de trânsito no período letivo, maiores principalmente em escolas de clientela de maior poder aquisitivo. E outros marcadores de tempos naturais, sociais, econômicos e de estado de espírito que se articulam ecologicamente se quisermos estar atentos a eles. Não ver estrelas na cidade é apenas um jargão. Ele atende à boa consciência ecológica. Cegando as pessoas para percepções mais profundas e possíveis a olho nu e aos outros quatro ou mais sentidos mais. Tolhindo, com isso, possibilidades de transformação do ambiente em que se vive. Com essa fuga para o verde e a continuação, na cidade, diante do estado de coisas.

Então na metáfora da floresta aparece aí um aspecto muito interessante do ponto de vista de uma reflexão sobre a interdisciplinariedade e mais ainda a transdisciplinaridade. Nessa metáfora associamos um tipo de cosmologia, própria das ciências naturais onde as escalas de espaços temporais vão até escalas incomensurável e objetivamente grandes do cosmos. Nos transformando, então em pontos sem dimensões, nós humanos. Enquanto isso, nas ciências sociais, essa incomensurabilidade, essa grandiosidade, se situa nas representações simbólicas, nesse domínio onde contextos espaciais mais demarcados são estudados em territórios, mas nos quais o contexto do simbólico adquire escalas incomensuráveis.

Quando eu bombardeio um núcleo de um átomo com uma partícula de altíssima energia eu não sou mais observador, eu sou participador e alterador. E eu geral eu sei que partícula entrou, que energia entrou e que energia saiu. Com isso eu digo: aconteceu isso assim, assim naquela região que eu desconheço totalmente e que eu modifiquei. Aí agente lembra uma observação de um físico... que diz que, na física moderna, não se pode mais chamar o observador de observador mas sim de participador. Isso vem encontrar exatamente um ponto de vista das ciências sociais na observação participante, na pesquisa participante, enfim, em todo esse problema da objetividade, sub-

jetividade do ético, da relação *insider-outsider* na observação do fato social.

De modo que essa relação é muito interessante porque a metáfora da floresta ela nos coloca, por exemplo em uma situação em que, no trabalho etnográfico, por exemplo, que menciona a convenção do presente etnológico, quer dizer, eu estou diante uma sociedade nativa e eu tenho que me situar naquele presente, mas não em um hipotético e convencionado presente onde o contato interétnico não se pronunciou e tentar buscar nas raízes aqueles dados daquela cultura, digamos em períodos anteriores a um processo de aculturação maior. De modo que essa coisa da floresta é muito interessante.

Se nós pensarmos que a última supernova que explodiu a coisa de uns 6 anos atrás, que se noticiou aqui, esses 6 anos atrás foi da nossa observação. Mas a explosão da supernova aconteceu 172 mil anos atrás. E nós vivos aqui, a 5 anos atrás. Então a questão do cosmólogo diante da floresta ou do convencionado presente etnológico nos coloca diante de uma questão que eu, como não museólogo, jogo para vocês sobre os museus não tradicionais onde o observador está diante de uma vitrine, um objeto que se renovou no seu contexto original. De modo que isso nos leva a uma reflexão sobre a consciência de quem somos nós.

Do nosso fazer histórico que se dá sem a prisão das fronteiras disciplinares e através de uma consciência das representações dos tempos nos nossos e de outros espaços vivenciais. Enfim da nossa situação histórica. E nesse sentido, isso nos permite transcender as disciplinas para então poder transitar por elas, exercendo assim uma transdisciplinaridade que, além de transcender, nos permite, porque transcendendo e buscando as representações do tempo no espaço nos situarmos historicamente para então, situados historicamente, conscientemente podemos então fazer o trânsito pelas ferramentas específicas que são as disciplinas. Mas nunca ficando lá sempre voltando ao contexto global, ao contexto da transcendência.

Essa é uma abordagem da situação histórica, buscando categorias de análise as mais amplas possíveis: o tempo e o espaço. Isso nos permite, essa situação, e aqui

eu quero citar Matilde... que eu tive o prazer de conhecer naquele último congresso da latino-americana em São Paulo onde ela falando sobre os atores em meio real referese ao fato de que não é mais de ação cultural que tem-se que falar, mas de atos culturais, exercidos pelos próprios usuários do museu. Mas essa providência não seria efetiva que na medida onde ela toma fundamentalmente em consideração dois dados essenciais: o espaço e o tempo dos usuários. Interessante que nós podemos brincar com essa última frase dela aqui: tomar o tempo dos usuários. O que ela propõe não é tomar o tempo dos usuários. De certo modo que, nessa trajetória, eu queria só mencionar, que esse observatório a olho nu vem de um contato que eu tenho tido muito intenso com arquitetos, inclusive na PUC de Campinas, na arquitetura, co-orientando alguns trabalhos de graduação interdisciplinar e com Beatriz Goulart de Faria com quem nós fizemos o projeto do observatório a olho nu que vocês vão ver.

Depois disso, com a apresentação de Paulo Bastos, com quem eu estou trabalhando nas praças-observatório das quais vocês vão ver alguns *slides* agora. Que eu passo a apresentar.

Antes dos *slides* eu queria fazer uma figurinha aqui para deixar um pouco mais claro a idéia do círculo e da flecha do tempo. E eu vou me servir aqui do retroprojetor. Quer dizer, a idéia geral é a seguinte.

Eu teria um círculo do tempo em que algum acontecimento, como por exemplo vamos supor, o caqui, que eu mencionei, apareceria aqui, vamos supor, nesse tempo de circularidade sazonal. Acontece que as coisas não se passam da mesma forma sempre. E não se repetem exatamente iguais. Mesmo porque o observador participador, um ano depois estará um ano mais velho. Com uma nova bagagem e com uma renovação de participação e de observação. Então eu tenho aqui uma flecha do tempo que puxa esse círculo fazendo com que, então, eu tenha uma espiral do tempo puxada por essa flecha. A civilização do progresso, o que é que faz? Puxa essa seta bárbara e drasticamente. Com a tendência a torná-la uma linha reta, uma representação puramente linear onde, por exemplo eu posso ter morango o ano inteiro disponível, não importa a

que preço. E quando eu digo preço é o preço, não só de moeda, mas preço de qualidade de vida e preço em conseqüência da atividade predatória contra a natureza, em que essa relação homem-natureza se processe de uma forma a vencê-la a todo custo.

Esse processo é o processo pelo qual a flecha do tempo vence o círculo do tempo, e transforma essa espiral em uma reta. Essa é, basicamente a civilização do progresso. Eu queria lembrar aqui umas palavras do Ayrton Crenac no encontro que nós tivemos em Paulo de Frontin ano passado sobre fundamentos filosóficos e o pensamento ecológico, ele dizia que esse tempo é um tempo em que se todas as pessoas do mundo estivessem dormindo seria muito bom. Estivessem dormindo, a guerra do petróleo não seria acontecido.

Esse petróleo que foi constituído no planeta a cerca de 200 milhões de anos atrás e que acabado, nós vamos poder contar com esses 200 milhões, e se faz uma guerra em torno dos problemas da extinção e da concorrência em torno dele. Esse é um caso de gente que puxa essa espiral do tempo, transformando-a em uma reta. Eu vou aproveitar para fazer um pouco de propaganda aqui e lembrar também um trabalho com uma amiga Denise... com quem nós temos trabalhado juntos e montando a exposição Calapó que abre amanhã, no Paço Imperial, onde essa idéia do círculo da espiral do tempo aparece nas questões do contato do índio com o branco e nas agressões. Eu queria passar então aos *slides*, por favor.

Bom isso aqui é uma paisagem de Campinas, eu não sei se poderia ser do Rio. Nós temos as flores dos flamboyans... caindo e as acácias imperiais se manifestando nesse ambiente urbano. Ou seja, nós estamos aqui em presença de representações no espaço vivencial de Campinas do tempo, desse tempo circular. Do tempo da circularidade. E no contexto de Campinas, uma vez que se eu estivesse, por exemplo, em Cuiabá, como eu já presenciei, os flamboyans estariam florescidos em outubro e não em novembro. Uma vez que o sol caminha do hemisfério norte, onde ele fez o verão de lá, para o hemisfério sul onde vai fazer o verão daqui. E esse caminhar do sol em uma perspectiva de um referencial de onde eu estou, no lugar,

no centro de um lugar, topocêntrico, é um caminhar que vai provocando respostas no meio ambiente ao longo do seu caminho. A seguinte. Aqui nós temos, eu vou mostrar para vocês o Aldebarã, que é o observatório a olho nu. E eu queria lembrar só que Aldebarã é o nome dado pelos índios do Xingú. Aldebarã que é uma estrela vermelha da constelação de touro e que aparece, antes do sol nascer no horizonte do nascente.

Ele tem o apelido, o cognome de dono do peixe é uma águia dona do peixe, porque nessa época o rio está baixo, os peixes estão abundantes e se faz a pesca. Se faz a pesca logo depois da volta das casas de roça onde o solo foi preparado e se espera as primeiras chuvas, anunciadas por uma outra estrela, que vão fazer com que eles voltem para as casas de roça para fazer o plantio. Enquanto isso não tem trabalho. Se não tem trabalho tem muito peixe em suprimento das casas de roça, é hora de festa. Então se faz o furo da orelha e o quarup. São cerimônias, marcadores sociais de tempo. Esse nome é o nome do observatório. Na entrada do observatório nós temos um caminho a partir de leste com uma coluna central que serve de mira para observação do nascer e o pôr de astros no horizonte, à moda das observações indígenas. Essa linha que talvez vocês estejam percebendo aí com uma certa dificuldade, no meio da calçada, que passa pela coluna, é o paralelo da coluna, o paralelo leste-oeste. O que significa daí em diante, não se pode mais botar mapa na parede mas sim no chão, com o paralelo, paralelo ao paralelo local. É um lugar interessante, inclusive bonito, com o horizonte muito bonito, vocês estão percebendo que é um lugar interessante para namorar também.

E essa coluna é uma coluna oca que dá no subterrâneo. Em duas épocas do ano onde o sol está caminhando até o trópico de capricórnio, ele passa por ali, ao meio dia e ilumina o subterrâneo, no dia 9 de dezembro e 3 de janeiro. Essa é uma visão da fachada que dá para o poente, com o subterrâneo e nesse ângulo que vocês estão vendo aqui, o sol, a partir da mira, que é a coluna central, e vejo o sol no verão ir mais ao sul e depois voltar: verão, outono, inverno, primavera, verão e com isso ele percorre esse ângulo todo a partir da coluna onde eu tenho um ca-

lendário baseado em posições onde o sol se põe. Esse por exemplo é um sol de, deixa eu ver, dezembro, janeiro, fevereiro, março, ali no meio, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, no meio, outubro, novembro, dezembro. Quer dizer, por aí, março, outubro. É preciso observar todos os dias, o que não se faz em um laboratório convencional em ciências que têm horário próprio.

Para saber que ele está indo para lá ou para cá. Os índios do Arizona, nos Estados Unidos, foram estudados por um visitante que observou que eles tinham esse calendário baseado em picos e vales das montanhas. A cada posição do sol poente, eles sabiam que determinada festa, determinada atividade social se processava. Seguinte. Aqui no observatório, um buraco ali naquela plataforma que vocês viram faz com que eu observe o sol projetado no chão. Tem várias brincadeiras em torno de relação corpo-espaço visando o sol. As pessoas em geral pisam ali e tentam errar o sol, presumi, sem assumir mas distraidamente assumindo que existe um olho na ponta do pé.

Quando essa projeção se faz segundo um ângulo eles têm que recuperar e virar. Os comportamentos de busca desse sol verdadeiro, visível são os mais variados possíveis em função dos esquemas corporais montados. Seguinte. Então nós temos uma brincadeira de alguém que andou colocando as horas em que o sol se projetou ali e durante o ano essa trajetória vai mudar. Seguinte. Uma visão de sol poente, a seguinte por favor. Um banco com encosto de cabeça para olhar as estrelas e janelas ali onde o projeto seria colocar algumas telas transparentes que se pudesse aproveitar o ambiente e desenhar sobre isso e sobre astros se pondo. Pode ir adiante. É outra visão do observatório com a fenda norte ali. É uma projeção infelizmente, o *slide*, eu acho, que está um pouco invertido. Isso dá impressão de concavidade mas é um relevo. Ali naquela parte lateral, que faz parte do mesmo terreno, nós estamos com um projeto com uma arquiteta, que ainda não foi realizado, está esperando dinheiro, que é um projeto de um mapa do Estado de São Paulo com calçadas que tenham a forma de perímetro urbano de algumas cidades e as estradas de ferro e rodagem ligando essas calçadas. Então eu posso caminhar pela calçada de Campinas, viajar para São Paulo e comparar por exemplo, sobre o período do ônibus, no tempo que ele leva.

Eu posso também olhar para essas estradas de ferro, por exemplo, que contam uma estória do Estado de São Paulo. E fazer aí, nesse mapa calçada, trabalhar cenários e produções artísticas em torno disso. Seguinte. Isso é uma idéia do mapa de Campinas, a seguinte, e isso nos transporta para o horizonte visível onde existe a universidade, a vila de, uma antiga fazenda, onde a universidade foi implantada, a refinaria do planalto, mais ao longe com o polo petroquímico e outros contextos bastante diferentes visíveis do observatório. Então nesse sentido eu chego nas indagações que eu quero fazer a vocês.

Eu vejo daí, em um vôo, uma visão rasante, o que existe naquele ambiente. Se eu me aproximar das regiões visíveis eu tenho contato com o fato social. Então o observatório passaria a ser um centro de referência do horizonte local para que eu tenha essa observação a partir daí e que eu mobilize a comunidade para essa observação e que, ao mesmo tempo passa a se conhecer desse referencial de observação que no fundo é uma construção que é um instrumento e que passa a fazer essa transição entre digamos uma visão de quase que de *outsider*, de observador distante a uma visão de observador de um meio.

A seguinte. Isso também dá um panorama do horizonte, em um outro horário, com algumas nuvens que algumas vezes se formam em função do polo petroquímico ali à direita. A seguinte. Essas astronomias, como essas que eu mostrei a vocês, é uma astronomia sobretudo de horizonte, como aquela primeira lá. Mas podem acontecer astronomias de zênite, no alto da cabeça, como é uma astronomia mais própria dos Caiapós, que vocês poderiam ver na exposição. Os Caiapós vivem perto de florestas, observam o céu, de manhã cedo, antes do sol nascer.

E nessa hora já se forma camada bastante espessa de neblina em volta do horizonte que faz com que eles observem mais no alto do céu, onde o contexto climático deixa. Os Cuicurus do Xingú como eu mencionei a vocês, já observam no horizonte, que vivem em cerrado. O contexto climático permite uma construção de uma metodologia de observação diferente, adaptada ao ecossistema, digamos.

Seguinte. Aqui nós temos a praça-observatório em Araras, essa que nós fizemos um projeto junto com o arquiteto Paulo Bastos, nós temos uma praça anfiteatro aqui, com a rosa dos ventos, e as direções como aquela da pirâmide, está ainda em fim de construção, são direções norte-sul a partir das escadas. Naquele nicho ali, vocês estão vendo uma construção em metal; a seguinte, que é uma esfera que contém os trópicos, o equador e o zodíaco, que gira permitindo a localização de constelações do zodíaco e de planetas, ao longo do ano. A seguinte. Aqui é um relógio equatorial, onde aquele eixo é semelhante ao eixo do globo, que eu estou mostrando ali. O seguinte. Mais uma definição do relógio. Então essa sombra é o meridiano móvel que percorre os fusos horários.

Seguinte. Esse é outro contexto em que nós tivemos que montar um relógio de sol. A seguinte. Era Balbina muito longe de Manaus, eu tinha pedido uma esfera de isopor para montar esse relógio em um grupo de formação de professores de área indígena e encontrando; a seguinte, na região, em termos do contexto nada melhor que construir o relógio a partir desse instrumento que vocês estão vendo aqui que é um melão. A seguinte. Voltamos ao relógio equatorial, vendo mais ao longe um conjunto de paredes do observatório.

Seguinte. Que tem várias fendas, e vocês vêm que tem uma configuração de túnel de fendas ali. A seguinte. Através das quais às 8 da noite, que é uma hora boa de estar na praça, eu posso perceber constelações que, na direção do túnel de fendas, às 8 da noite, vão aparecer ali, uma vez no ano, e só um ano depois aparece a mesma constelação de novo. Esses tuneis foram construído para que eles marquem, com as constelações, o início de cada uma das quatro estações. Na direção oposta às paredes, eu tenho mastros que marcam, por exemplo, ali o dia mais longo do ano, naquele sol inteiro, a noite mais longa do ano, naquela lua e o momento em que o dia é igual à noite naquele meio sol, meio lua. Portanto solstícios e equinócios. Nessa direção o projeto da construção de alamedas que, a partir daquele centro, vão florescer na direção do por do sol, articulando a visão da cidade e a integração

com o meio, com a observação... portanto estabelecendo uma articulação céu e terra.

A seguinte. Isso é uma imagem das paredes, são só alguns desenhos. E isso é um trabalho, nessa mesma direção com crianças de CIEPS, durante a SBPC, em uma promoção "O SBPC vai à rua", no ano passado que nós chamamos: daqui do morro dá para ver tão legal. E eu vim com monitores do observatório e nós trabalhamos a percepção da cidade: a partir de mapas com relógio de sol e etc, e umas brincadeiras sobre distâncias. Quantos novelos de lá tem até o Pão de Açúcar, quanto tempo leva uma formiga, quanto tempo leva um avião e por aí a fora. E as crianças perceberam, por exemplo, do túnel Rebouças, que naquela hora do anoitecer, tinha mais farol branco vindo para cá, do que farol vermelho indo para lá. E uma delas disse: amanhã de manhã vai ser diferente, não é? Então esse é um trabalho que a gente tem feito aí e nós estamos, inclusive tentando repromover isso aí com um título um pouco diferente que chama-se: DI VER CIDADE.

A seguinte. Aqui as crianças nessa brincadeira.

Seguinte. Pode ir bem adiante. Isso é um trabalho de mapa com as direções. O anoitecer com a configuração do céu mudando e a do túnel Rebouças também. Seguinte. E isso é só uma questão de percepção, eu estou lembrando os naturais no Peru, que têm um esquema de constelações no qual existem constelações brancas, que são ligações de estrelas, que são associadas a construções, por eles. São aquelas lá de cima. Mas existem constelações negras que são os espaços escuros da Via Láctea associadas a formas zoomórficas e antropomórficas. Portanto a percepção fundo e forma se manifesta. Alguma coisa para a qual nós não temos sido treinados.

Eu termino só deixando curiosos sobre a peça fundamental da exposição Calapós e eu não vou dizer mais nada, por enquanto. Mas convido todos a participar, a visitar essa exposição. Muito obrigado.

Mário Chagas

Bom, antes de iniciar eu quero situar a minha fala dizendo que na realidade essa fala tem um caráter de resgate e tem também um caráter de saudade, saudosista e

ando com o coração um pouco no ritmo de comemoração, não sei se é questão dos 500 anos da América, eu estou me sentindo mais envelhecido com isso, 70 anos do Museu Histórico Nacional, 60 anos da Escola de Museologia e são tantas as datas festivas que eu me recordo, então dos 20 anos da mesa redonda em Santiago do Chile que é exatamente no dia 20 de maio, hoje, exatamente que a mesa estaria se iniciando, portanto há 20 anos atrás. Então nesse espírito assim, de comemoração, eu faço desta minha fala uma rememoração, uma homenagem também àqueles que se reuniram em 72 no Chile e então discutiram algumas idéias que muito serviram para o avanço da museologia. De outro lado ainda, eu quero dizer que essa minha fala não é uma fala das minhas experiências, mas das experiências de outras pessoas, e eu dividi a fala em, basicamente 5 resgates.

O primeiro resgate: resgatando o simpósio para uma explicação necessária.

Em 1985 em simpósio organizado pelo ICOFOM, discutiu-se amplamente os temas originais e substitutos e sua vinculação com os objetos museais. E naquela ocasião, a professora Teresa Scheiner supos de questionar os dois conceitos reconheceu a relativização como inevitável afirmando: "Em um museu de história uma fotografia contemporânea de um documento antigo poderá ser considerada como substituto. A mesma fotografia, em um museu de arte contemporânea, e dependendo de seu autor e das técnicas usadas poderá ser utilizada como precioso original. Hoje, ao resgatar este debate eu faço com intenção de perceber que esta problemática conceitual diz respeito, não apenas aos objetos, mas também aos seres humanos. Hoje, de alguma forma, eu sou um substituto e um original. Um original que fala, age, sente, pensa por si mesmo. E um substituto que se sente honrado por ter sido indicado pela professora Brandão para substituí-la em seu impedimento. E por ter sido aceito pela equipe organizadora desse encontro internacional.

O segundo resgate. Resgatando experiências museológicas a céu aberto no Brasil colonial.

Freqüentemente os textos de museologia editados no Brasil afirmam que o Museu Real, hoje Nacional, criado em 1818, após a chegada da família real, é o primeiro museu brasileiro. Esta afirmação assim ligeira, desconsidera experiências museológicas desenvolvidas nos séculos 17 e 18. Uma delas, pelo menos, amplamente demonstrada e divulgada pelo historiador Gonçalves de Melo em seu livro "Tempos dos Flamengos". De fato o primeiro ensaio museológico de que temos notícia data do século 17 quando, no governo do Conde Maurício de Nassau, foi instalado em Pernambuco, no grande parque do palácio de Widenburg um museu vivo e ao ar livre no Jardim Botânico, no Zoológico e um observatório que cumpriam as funções de pesquisa, preservação e testemunho de preservação do meio ambiente. Segundo Gonçales de Melo, o grande parque estava aberto à visitação e servia, entre aspas, a situação, a toda a comunidade. Os estudos de História Natural, de Georges Hargraves, de certo, foram desenvolvidos nesse ambiente.

Depois dessa experiência ousada, isolada e pioneira, apenas no final do século XVIII, início do XIX, em virtude de interesses econômicos, políticos e científicos da Metrópole, vamos perceber a criação de outros jardins botânicos no Brasil, entre os quais se destacam o Horto Botânico da Academia Científica do Rio de Janeiro, cujos estatutos datam de 1777, o modelar Jardim Botânico de Belém do Pará foi criado em 1796, e o Jardim Botânico de Goiás, de 1801, fica claro, portanto, que, quando a Família Real chega ao Brasil e cria, em 1808, o Horto Real de Aclimatação, e em 1818 o Museu Real, algumas outras experiências já haviam sido realizadas. Os jardins e hortos botânicos acima referidos funcionavam, como atestam os visitantes, os viajantes, como centros de estudos mais ou menos bem sucedidos e como núcleo de preservação de espécimes vegetais como espaço de visitação e de disseminação de conhecimentos e como equipamentos econômicos importantes para a manutenção do sistema colonial.

Segundo Jobim, a decadência dos jardins, depois de 1822, se deve também ao fato de não mais serem instrumentos de uma proposta política ainda, o café, que se impõe nesse momento faz o Brasil voltar a acreditar que a monocultura satisfará suas necessidades de desenvolvi-

mento econômico. Mas o esforço realizado é altamente positivo.

Terceiro resgate, resgatando dois documentos pouco divulgados.

Roberto Schwarz, em seu texto "Nacional por Subtração", observa que, a cada geração, a vida intelectual, no Brasil, parece recomeçar do zero. O apetite, diz ele, pela produção recente dos países avançados, muitas vezes, tem como avesso o desinteresse pelo trabalho da geração anterior e a conseqüente descontinuidade da reflexão e, conforme já notava Machado de Assis em 1879, o influxo externo é que determina a direção do movimento interno.

Ora, se isto é verdade para a vida intelectual no Brasil, não poderá deixar de ser verdade para o segmento dos intelectuais da museologia brasileira. De fato, freqüentemente, acompanhando os sonhos de uma noite de verão, passamos de uma a outra corrente museológica, passamos do elogio imenso à crítica feroz dos modelos teóricos e práticos, sem que tenhamos esgotado as possibilidades da corrente ou do modelo anterior. A regra é o gosto pela novidade. O reconhecimento dessa verdade serve para nos alertar em relação a essa volubilidade intelectual e no campo museológico e supondo que o novo, para nós, seja a não volubilidade é que resgatei o exemplo dos jardins botânicos e resgato agora dois documentos fundamentais para a nossa reflexão.

Primeiro documento, o Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus realizado em, 1958, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro e publicado numa série da UNESCO. O segundo documento, a Mesa Redonda realizada pela UNESCO e pelo governo do Chile, em Santiago, em 1972, e publicado no noticiário mensal do Museu Nacional de História Natural. O Seminário Regional de 58, coordenado por Georges Henri Rivière, contou com a participação de profissionais de museus da América Latina, discutiu em profundidade o papel educativo dos museus, o uso do cinema, do rádio, da televisão nos museus.

Abordou, entre outros, os museus escolares, os museus da juventude, os museus ao ar livre e os museus regionais. Até hoje não desenvolvemos, eu não conheço

nenhum tipo de museu escolar. E ali também se tratou de questões ecológicas regionais, se chegou ao ponto de se preparar um esboço de projeto para um museu flutuante que interagisse com as populações analfabetas e semi-analfabetas da região amazônica.

O documento em questão deixa transparecer um alto nível de romantismo museológico e uma certa mentalidade desenvolvimentista, contudo, ainda assim, o seminário de 58 colocou questões ainda não respondidas, sugeriu debates não realizados, introduziu temas completamente atuais e modelos com certeza não esgotados.

Em relação aos museus ao ar livre, por exemplo, depois de apresentar a conceituação adotada em 57 na Dinamarca e Suécia, os autores do documento, e o destaque especial foi para George Henri Rivière, debatem e criticam a referida conceituação do museu ao ar livre e reconhecem que a tipologia desses museus é ampla e deve envolver os museus arqueológicos ao ar livre, os museus etnográficos ao ar livre, os museus artísticos ao ar livre, os parques botânicos e os zoológicos.

O segundo documento, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, contou com a participação de Barrêne Borran, então Diretor do ICOM, de diversos museólogos da América Latina e, ainda, com a colaboração de profissionais que não militavam na área museológica, e sim na agricultura, na arquitetura, no urbanismo, na tecnologia, na educação e em várias ciências. Na Mesa Redonda de 72, retoma o tema do museu ao serviço da realidade da vida regional com seus enormes problemas. É colocada em pauta a função social do museu e surge a conceituação do museu integrado como "a instituição que deverá ser intimamente ligada ao presente e ao futuro da comunidade e não apenas ao seu passado ou a seus aspectos acadêmicos, como até agora, na maioria dos casos tem acontecido".

A partir do reconhecimento das transformações por que estão passando os países, sejam subdesenvolvidos ou desenvolvidos, se discutiu, na referida Mesa, a necessidade de uma transformação de mentalidade por parte dos museólogos para que esta transformação se refletisse no plano da atividade museológica gerando, por exemplo, *projetos de caráter social e de baixo custo*. A Mesa Redonda de

72, revela uma preocupação clara em desenvolver projetos museológicos que signifiquem a possibilidade de troca de experiências entre a área rural e a área urbana, e tudo isso *de acordo com as bases da educação permanente*. Apesar de podermos criticar o caráter ideológico da educação permanente, e mesmo apesar de podermos desconfiar, a Mesa Redonda de 72 apresentou algumas propostas que, no meu entender, ainda não se esgotaram, entre elas, o museu integrado que, ao que tudo indica, está estreitamente vinculado à idéia de ecomuseu. Assumimos com clareza a posição de que qualquer trabalho que pretenda refletir sobre a trajetória do ecomuseu, não deve fazer tábula rasa desses dois documentos sob pena de estarem inventando a roda, a luz e a chuva.

É o quarto resgate. Resgatando a experiência do museu ao ar livre de Orleans.

Em 1977, a Professora Brandão, com o objetivo de preparar um parecer técnico sobre a viabilidade da implantação do projeto Indústrias Familiares dos Imigrantes, visitou o Museu da Imigração Conde d'Eu, do Instituto São José de Orleans, Santa Catarina. Em seu parecer, a Professora Brandão confessa o seu entusiasmo com o projeto e estimula a criação, em Orleans, de um museu regional e ao ar livre afirmando que um museu desse tipo poderia promover a valorização da cultura regional e, pelo estímulo ao sentimento comunitário, frisado, a fixação de valores que estão próximos à extinção.

Em seguida, recorrendo ao Seminário de 58, a Professora Brandão define o museu regional e diz, é aquele que se dedica a documentar e a expor a história natural e cultural de uma região. É um museu a serviço de um público de passagem completando e orientando os conhecimentos sobre a região que visita e, ao mesmo tempo, um museu a serviço da comunidade local cuja economia favorece na sua qualidade de fator de desenvolvimento turístico ajudando a referida comunidade a tomar consciência de si mesma e abrindo perspectivas sobre o resto do mundo.

Pessoalmente eu suponho que é um embrião da definição evolutiva de ecomuseu. O museu ao ar livre, ainda no Seminário de 58 citado pela Professora Brandrão, *o museu ao ar livre corresponde a um tipo de apresentação museográfica chamada ecológica em que as peças são expostas em seus ambientes próprios*. Do ponto de vista educativo, a apresentação ecológica é mais atrativa e, portanto, facilmente assimilável. Mais uma vez, referência ao Seminário de 58. O parecer da Professora Brandão serviu para embasar o projeto que deu origem ao museu ao ar livre de Orleans. É interessante perceber neste caso de Orleans que a autora do parecer, ao invés de ir buscar o modelo novíssimo, insiste em resgatar os conceitos de 58 e, fiel aos princípios daquele Seminário, tenta como que em não abandonar o caminho ou o modelo sem tê-lo testado, sem tê-lo levado ao esgotamento.

Eu poderia aqui falar em tradição e ruptura. A questão importante aqui, portanto, não é o nome, mas o princípio. Mas, enfim, como se constituiu o museu ao ar livre, de Orleans? Sem a participação do religioso João Leonir Labalba, responsável pela reunião e preservação do acervo, o projeto seria inviável. É ele quem articula e faz a intermediação entre o técnico especializado e a comunidade local.

O museu ao ar livre de Orleans estuda e apresenta as técnicas empregadas pelos imigrantes do século passado, e de seus descendentes, em suas unidades de produção e atua como núcleo catalisador de diversas manifestações culturais. Faz parte da área do museu um centro de vivência comunitária, um açude, uma gruta, beneficiamento de cereais, monjolo, serraria, engenho de cana, olaria, engenho de farinha etc.

O quinto resgate, e último, o tempo se esgota. Resgatando o debate.

Neste momento, eu gostaria de tentar costurar os resgates realizados. A primeira idéia é que os museus a céu aberto, ou ao ar livre, existe no Brasil desde o século XVII, ainda que sem sistemática e continuidade espaço-temporal. O conceito de museu ao ar livre, já questionado por Georges Henri Rivière, implica no conceito de objeto musealizado e exposto fora do espaço construído e fechado por paredes e tetos. Nesse caso, quando os bens imóveis de uma cidade são considerados objetos musealizados, temos aí também um museu ao ar livre.

Para simplificar esse assunto, podemos estabelecer uma classificação. A) museu ao ar livre. B) museus em circuito fechado e coberto. C) museus mistos, que se desenvolvem parte em circuito fechado, parte em circuito aberto.

O resgate dos dois documentos intenciona trazer para o centro dos debates o pensamento muscológico que tende a ser abandonado, sem que tenha sido esgotado e tentado. Ao que tudo indica, continuamos precisando discutir a função social e o papel educativo dos museus e, ao dizer discutir, não digo narrar experiências, digo analisar o sentido vetorial que aplicamos à função social dos museus, que é a ação educativa dos mesmos. Discutir o conceito, o nome e a instituição museu, discutir, por exemplo, a manipulação do discurso ecológico. É evidente que o museu, e o ecomuseu não foge à regra, assim como a memória, são passíveis de manipulação. Neste caso, a função social e a ação educativa, tanto podem servir à dominação, à conformação, quanto à libertação e à transformação.

A partir desses elementos podemos questionar, existe uma vanguarda muscológica? O ecomuseu representa essa vanguarda? Assim como Mário de Andrade nos ensina a desconfiar do passado, Roberto Schwarz nos ajuda a desconfiar da vanguarda perguntando, o vanguardista está na ponta de qual corrida?

Fernanda Camargo-Moro

Eu queria agradecer ao Mário Chagas. Agora, gostaria de chamar a atenção que o nosso tema é Experiência Brasileira a Céu Aberto no qual o museu a céu aberto está incluído, mas não é o único ponto a ser abordado. Eu vou passar a palavra agora para Maria Regina Mendonça Furtado de Matos, Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá.

Maria Regina Mendonça Furtado de Matos

Boa tarde a todos. Eu, antes de mais nada, gostaria de agradecer o convite de podermos apresentar o nosso trabalho neste Encontro e eu não poderia também deixar de registrar a minha espécie com relação à presença do Secretário de Cultura, constante, no Encontro. Eu acho

que, aos nossos pares do Rio de Janeiro, isso é extremamente importante, significativo. Nós vivemos uma situação político-cultural completamente adversa e eu estou encantada com essa presença física do Secretário, atuante do Secretário em nossos trabalhos. A mim me parece, em respeito ao trabalho que todos nós da museologia desenvolve, principalmente os nossos pares que a gente vem desenvolvendo a 3 anos e depois uma projeção de *slides* para ilustrar um pouco esse nosso trabalho.

A crise ambiental é na verdade uma contradição que se estabeleceu entre os modelos de desenvolvimento adotado pelo homem marcadamente a partir do século XVIII e a sustentação dos padrões de desenvolvimento pela natureza. Nesse sentido o estilo que o Estado do Paraná experimentou gerou uma dívida ambiental representada por uma abertura florestal de menos que 5% ocasionada pela erosão acelerada primária dos solos, pela falta de saneamento básico, o que determina o lançamento de 80% dos esgotos de todas as bacias hidrográficas do estado e pelos 80% de resíduos sólidos urbanos dispostos de forma inadequada.

A concepção de auto-sustentabilidade incorpora parâmetros ecológicos, sociais e culturais, além de parâmetros econômicos atualizados pelos modelos predominantemente de desenvolvimento. O desenvolvimento auto-sustentado prevê a utilização racional dos recursos naturais disponíveis através do uso de tecnologias ecologicamente adaptadas, socialmente justas e economicamente viáveis. Eu gostaria de fazer um parênteses aqui porque hoje de manhã houve uma discussão calorosa e bastante interessante a respeito dessa questão de socialmente justa ou uma sociedade justa. Mas nós não podemos esquecer que nós vivemos em uma sociedade de classe, então o conflito sempre acontecerá e as injustiças também. Com outras palavras esse novo paradigma de desenvolvimento adota o enfoque holístico e sistêmico em que as diversidades da questão ambiental são analisadas de forma integrada, de modo a suprir as necessidades de reprodução dos grupos é seguimentos sociais e a garantir a conservação dos recursos naturais por eles explorados.

As atividades econômico-industriais, agrícolas e de especulação imobiliária que se tem desenvolvido na região de forma acelerada nas duas últimas décadas vêm provocando impactos consideráveis sobre os diferentes ecossistemas como: devastação da mata atlântica e da restinga, erosão dos solos e não reconstituição da fertilidade, diminuição da pesca nas baías por utilização de técnicas predatórias e poluição por adubos agrotóxicos, carburantes, esgotos, assoreamentos e degradação de manguezais. As populações locais pertencentes a cultura caiçara, última cultura de pescadores tradicionais do Paraná, cuja vida gira em torno da exploração dos recursos naturais vem sofrendo uma degradação das condições de vida provocada pela rarefação de tais recursos.

O litoral paranaense caracteriza pela existência de grandes extensões de manguezais que chega a cerca de 555 metros quadrados na primeira cobertura vegetal do estado, segundo Couto. O conhecimento da mais nobre interface entre o mar e a terra, que são os manguezais, já estão tendo modificações imprimidas pela própria ação do homem sobre a forma de queimadas, cortes e loteamentos que vêm sendo realizados por especialistas no Centro de Biologia da Marinha a nível de pesquisa e de ensino e extensão pelo Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, ambos órgãos suplementares da Universidade Federal do Paraná. Conhecê-los e disseminar este conhecimento torna-se de fundamental relevância para perpetuação da fauna, da botânica bem como pelas implicações sócio-culturais que geram.

Nesse contexto o museu desempenha um papel fundamental promovendo programas voltados para educação ambiental ressaltando o papel do referido patrimônio e a sua preservação *"in loco"* contra a ameaça da especulação imobiliária e do desenvolvimento turístico, em áreas de manguezais sem qualquer preocupação com a qualidade de vida dos seres que ali vivem.

O mangue é um importante ecossistema de manutenção com equilíbrio frágil e de pouca resistência a interferência humana modificadora. A integração dos caranguejos a esse ambiente, em uma dimensão diferente da atual pode ser uma forma eficiente de preservação do

sistema ecológico, pois seus interesses com o grupo permanente conflitarão com grupos fluídos que se forma apenas a exploração dos ecossistemas aproveitando-se de alteração ocorridas. Com essas preocupações o museu realizou um trabalho de conscientização junto a comunidade pesqueira sobre a necessidade da manutenção e preservação dos manguezais por serem ambientes em que caranguejos, ostras, mariscos e peixes como a tainha escolheram como seu hábitat. Tais elementos básicos para a dieta alimentar das populações costeiras caracteriza-se ainda como fonte de renda familiar. Palestras e folhetos explicativos foram utilizados nessa fase do projeto. O folheto que ficou à disposição no halcão de entrada foi destribuido entre os professores de ensino de primeiro e segundo grau.

Enquanto o órgão de extensão junto ao ensino formal, o museu propos uma discussão inicialmente com os professores de primeiro e segundo graus a respeito das medidas políticas sobre desmatamento, aterro e usos do solo, dessas áreas públicas objetivando ampliar o conceito de preservação na direção do patrimônio ambiental marinho desmistificando a concepção de que mangue são áreas pouco saudáveis, mal cheirosas e cheias de insetos que causam doenças. Palestras foram realizadas para esses professores sobre os seguintes temas: Ambientes estuarinos, marés e ondas, manguezais, uso da flora local, organismos marinhos de importância econômica da baía de Paranaguá, poluição em estuários, animais e plantas microscópicas na água, sua importância para a vida no mar, os peixes na baía de Paranaguá e mamíferos marinhos, além do patrimônio e herança culturais remanescentes dessas populações caiçaras e ribeirinhas.

Esses temas, essas palestras foram realizados por especialistas da área de biologia marinha. O museu montou ainda uma exposição denominada *vidas em equilíbrio*, que é o título do nosso projeto, no seu andar térreo com a utilização de redes de pescar, agulhas, barcos, dois grandes aquários com fauna e flora características dos manguezais, maquete, uma farta documentação fotográfica e audiovisual proveniente das pesquisas de campo realizadas na baía de Paranaguá. A exposição foi dividida em 3

grandes módulos. O primeiro módulo diz respeito ao que são manguezais, os manguezais e o meio ambiente, o homem, a pesca e o mangue. E no segundo módulo seria a constante ameaça evidenciando os prejuízos da má utilização dos manguezais. E o terceiro módulo, então a parte realmente da destruição causada pela especulação imobiliária. O projeto *vidas em equilíbrio* pela sua aceitação e resultados acima do previsto se transformou em programa e vem sendo desenvolvido a 3 anos pelo museu, que sempre que necessário convoca equipes interdisciplinares especialistas não só da universidade, mas também de instituições congêneres para as suas atividades. O programa *vidas em equilíbrio* foi lançado com uma atividade de cultura física e lúdica, colônia de férias prevista para 250 crianças de 6 a 14 anos, cujo tema foi *preserve o mangue*. Essa colônia de férias, essa atividade foi coordenada por 4 professores do curso de educação física da Universidade Federal e 14 formandos do ano de 91.

Em termos numéricos, durante o período de 3 anos, foram atendidas em atividades dirigidas por esse projeto, 13 comunidades pesqueiras, 587 professores da rede oficial de ensino do Paraná, 22.734 crianças do ensino do primeiro grau e cerca de 27 mil crianças do ensino de segundo grau. O programa *vidas em equilíbrio* permite que o museu se articule com áreas do conhecimento. O que eu vou citar são áreas do conhecimento que são representadas por professores da própria universidade. Vou fazer um comentário depois a respeito dessa integração museu e universidade. Professores da área de engenharia cartográfica, 2, com 23 alunos, educação física, 4 professores e 14 alunos, curso de farmácia, 3 especialistas e 5 alunos, botânica, 2 professores e 6 alunos, biologia marinha, 3 professores e 3 alunos. Ciências sociais e história, 4 professores e 15 alunos. Desenho industrial, 2 professores e 2 alunos. E antropologia, 3 professores e 5 alunos. Desmistificando a idéia de que museu é um depósito estático, o referido projeto é um exemplo vivo, que independente do seu acervo, a instituição museu pode interagir interdisciplinarmente a exemplo de como o homem atua no seu meio cultural e ambiental, além de cumprir o seu papel de universitário junto à comunidade que está inserido.

Nós vamos passar uma seleção de *slides* que acompanha. Na verdade eu trouxe poucos porque o projeto continua em andamento e nós estamos agora em Morretes, que é uma cidadezinha vizinha a Paranaguá. É nesse projeto que nós estamos. Paranaguá fica no litoral sul do Paraná e nós estamos avançando para o norte do litoral até chegarmos a reserva que faz fronteira com o Estado de São Paulo, então nós temos o privilégio de ter litoral muito pequeno e que nos permite praticamente avançar em todo ele nesse trabalho de conscientização, porque, na verdade a maior área de mangue, manguezais do Paraná está localizada no norte do estado, no litoral. E não aonde nós estamos desenvolvendo o trabalho. E seria interessante colocar ainda que, enquanto o órgão de comunicação, o museu pode exercer essa tarefa de monitorar o processo de conscientização sobre a preservação do meio ambiente através deste mais nobre interface, a partir dos manguezais, e é uma proposta piloto na área das ciências sociais e tem o respaldo do núcleo interdisciplinar de meio ambiente e desenvolvimento que atua dentro da universidade. Temos convênio com o IBAMA, SUREMA e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente. Recebemos incentivo financeiro, não o museu diretamente, mas o Centro de Biologia Marinha, do Governo da Alemanha e convênio com especialistas na área de pesquisa sócio-cultural da Universidade de Paris e Bordeaux da França. Então eu gostaria de partir para a série de *slides*, onde eu vou poder explicar um pouco melhor algumas questões.

Bem, para quem não conhece o museu de Paranaguá, ele está instalado em um prédio tombado, conhecido pelo patrimônio como, antigo Colégio dos Jesuítas, apesar de nunca ter funcionado como tal, porque eles foram convidados a se retirar do país e é um prédio, na opinião pessoal, extremamente carismático e de uma força muito grande e que nos impulsa muito a trabalhar ali. Paranaguá fica a 90 quilômetros de Curitiba, onde está a sede da Universidade Federal, o que nos obriga a fazer sempre uma viagem de hora e meia de ônibus para chegarmos até o museu, onde desenvolvem-se as atividades e hora e meia para subir em uma paisagem belíssima e especial da Serra

do Mar. Mas quando nós chegamos lá, nós conseguimos esquecer esse período de viagem.

Uma vista do claustro do museu, onde nós, sob esses arcos estamos implantando um projeto de fitoterapia. Pode passar.

Bom esse projeto foi resolvido de repente, porque resolvemos estudar manguezais e divulgar essa questão de consciência de meio ambiente, de preservação dos manguezais. No museu de arqueologia e etimologia nós temos uma seção de pesca e o gancho para o nosso projeto foi esse. Então como nós tivemos oportunidade de dizer de manhã, nosso entender o museu tradicional tem diferentes ganchos, pode ser explícito, ou podemos criar esses ganchos através de uma semiologia.

Essa é a vista do manguesal da janela do nosso museu, nosso vizinho. E nós não podíamos deixar de trabalhar esse tema tão próximo a nós. Pode passar.

Aqui o manguesal já bem como se nós estivéssemos explorando a área, são *slides* do pessoal de biologia marinha que nos emprestou e que nos ajuda bastante a entender a complexidade desse ecossistema.

Bem, deixa eu ver se acerto a setinha. Essa linha colorida é a marcação dos pesquisadores para mostrar que na época da catação, como falam os caranguejeiros. A época da catação coincide com a época da reprodução dos caranguejos, então eles estão constatando que a catação é feita exatamente no período de reprodução, ou seja, janeiro, fevereiro e março. Coincidentemente período de alto verão e no Paraná nós chamamos de alta temporada. O Paraná tem tradição cultural de verão e inverno. Então o litoral só é utilizado praticamente no verão e apesar de todo um balneário muito rico e com casas muito sofisticadas, essas casas, esse balneário só é usado no período de temporada, como eles chamam, que é exatamente janeiro, fevereiro até o período da páscoa da semana santa. A partir daí o balneário é deserto e coincidentemente o período da catação é o período da temporada. O seguinte por favor.

Essa é uma vista mais próxima da metodologia de trabalho do pessoal da biologia marinha. O seguinte.

A pesquisadora. Nós tivemos oportunidade nessa colônia de férias de fazer, como era uma faixa etária muito diversificada de 4 a 14, de 6 a 14 anos, os meninos maiores, da faixa etária entre 8 a 14 anos fizeram a visita "*in loco*" aos manguezais acessorados pelo pessoal da biologia marinha. Essa foto foi tirada por uma dessas crianças.

Bem, aí é a turminha em frente ao Centro de Biologia Marinha, que fica em Pontal do Sul, entrada da baía de Paranaguá e ele é pessimamente localizado, como vocês estão vendo. E nessa praia em frente ao centro de biologia a criançada, depois da visita a manguezais preferiu fazer um joguinho de futebol na praia.

Bem, aí é parte da equipe, eu gostaria de ressaltar que as crianças receberam, nós recebemos para esse projeto o patrocínio do Banestado, sem marketing comercial nenhum, mas sem esse auxílio nós não poderíamos realizar o trabalho, porque implicou na hospedagem durante as duas semanas da colônia de férias em Paranaguá dessa equipe de professores e alunos do curso de educação física. Esse projeto, ele foi extremamente importante na medida em que os próprios alunos do curso de educação física, que desconheciam que o museu pertencia a universidade, porque o museu, ele ficou conhecido como o Museu de Paranaguá. Então fica parecendo que é do município, quando, na verdade o museu é da Universidade Federal. E os alunos do curso de educação física, já formandos, desconheciam isso e nós estamos achando extremamente importante que o projeto está conseguindo conscientizar não só a população onde o museu está inserido mas a própria população, comunidade interna da universidade. Nós temos alguns professores que também desconhecem isto. Depois nós queremos ressaltar esse distanciamento dos pesquisadores, que a Maria Célia falou com tanta propriedade hoje pela manhã, a respeito das comunidades que servem de cobaia e que os resultados da pesquisa são engavetados quando nós temos várias cobaias no litoral do Paraná e esse museu que tem todo esse potencial de poder ser a ponte, a extensão para devolver os resultados desses trabalhos de investigação. Só voltando um pouquinho àquele outro *slide*, por favor.

As equipes, as crianças foram divididas, nas viagens ao manguezal, claro que com o enfoque específico para cada idade, faixa etária e, vocês vêem, os professores. O que diferencia o instrutor, do aluno? Na verdade a colônia de férias é uma atividade acadêmica de formação desses alunos do curso de educação física. E integrada a esse projeto de conscientização. Então o que diferencia no caso é a camiseta, as crianças com a camiseta lisa e os instrutores, professores e acadêmicos com a camiseta com uma manga vermelha. Pode passar.

Bem, o claustro do museu era o pátio central, onde as coisas aconteciam, como toda colônia de férias também existe uma conscientização cívica, nós tivemos que improvisar. Um pódium de bandeiras para serem hasteadas diariamente ao som do hino nacional, as crianças aprenderam ao final de, foi bastante interessante, a gente ouvir essas crianças, bastante emocionante ouví-las cantar ao final de duas semanas o nosso hino integralmente, quando, nos primeiros dias ninguém praticamente balbuciava uma única palavra, apenas ouvíamos o som da banda.

As atividades lúdicas, elas foram direcionadas de acordo com a faixa etária dessas crianças. Mas sempre com o tema voltado para preservação dos manguezais.

O calor muito grande, essa atividade foi realizada em dezembro, alto verão em Paranaguá e na segunda semana nós entendemos que não dava para continuar trabalhando com as crianças com aquele calor sem um refresco e aí improvisamos uma piscina para eles em um dos jardins do museu.

Bem, ao final da colônia, eles começaram, cada equipe, de acordo com a sua idade, a fazer uma dramatização ou uma representação daquilo que na primeira semana ficou gravado. Então vocês vão ver. Pode passar o seguinte.

Eles tiveram a idéia das chamadas desses cartazes. Os coordenadores que estão ali atrás, os alunos de educação física, eles ficaram extremamente impressionados com o retorno do trabalho deles, porque a colônia de férias também acontece em Curitiba com temas tipo *preserve o verde* etc. e tal, mas em número muito maior e com outro

nível social de criança. Então eles ficaram bastante impressionados com a riqueza dessas crianças, algumas delas diziam: A minha mãe caça esse bicho. Se vocês observarem na camiseta está escrito *preserve o mangue* e tinha um caranguejo desenhado. Então eles acharam assim um barato o fato de ter na camiseta o bicho que a mãe caça. Quer dizer, deu para entender bem. Nós conseguimos fazer com que eles entendessem o que é importante e porque. Pode passar a seguinte.

A turminha dos maiores fez um teatro, escolheram inclusive a música de pano de fundo, onde eles representavam, alguns os mangues vermelhos, e outros os mangues brancos. Pode passar.

Nesse aí eles estão se arrumando, porque houve toda uma dramaticidade. Nós tivemos que ficar escondidos. Os pais foram convidados nesse momento para o dia final, "*o gran final*" da colônia de férias. E nós, para todos foi surpresa. Só os monitores é que tiveram acesso a esse trabalho deles. Algumas meninas representando a vegetação, algumas aves.

Os mangues vermelhos. Eles pediram auxílio, os maiores pediram auxílio dos menorezinhos. Tia podemos fantasiar os maioreszinhos também? Digo, claro, claro, que tem que ser por aí. Então foi bastante interessante nesse sentido. Pode passar o seguinte. Aí a dramatização. O teatrinho aconteceu no pátio, no claustro do museu. E nós presenciamos a teatralização. Eles mostrando como é importante. A questão do pássaro que vai levar o alimento para esses peixes e a preservação da fauna e da flora local também. Pode passar o seguinte. Acho que só estão aí mais dois.

A dramatização em si, os manguezais sendo cobertos pela poluição e pela invasão imobiliária. A banda ficou intusiasmadíssima com a turma. Pode passar o seguinte.

Aí o nosso Papai Noel, porque a festa acabou, a colônia de férias terminou no dia 23 de dezembro. Esse Papai Noel magrinho era um dos monitores que fez questão, com todo calor de Paranaguá, de se vestir de Papai Noel. Nós conseguimos o caminhão dos bombeiros, que saiu do próprio Corpo de Bombeiros com faixa e o Papai Noel distribuindo bala que uma fábrica de balas de Paranaguá nos

ofereceu. E a quantidade de crianças de fora da colônia de férias que correu atrás desse caminhão dos bombeiros. E até chegar ao museu, praticamente nós não conseguimos atender a todos em termos de espaço porque o caminhão vinha com a sirene ligada, o Papai Noel jogando as balas e a criançada atrás e todos querendo saber se no ano que vem eles iam ganhar a camiseta com o caranguejo também, ou não.

Bom, era essa a nossa contribuição e eu agradeço a atenção de todos.

Fernanda

Eu queria agradecer à Maria Regina, e convocar a Áurea Maria para dar prosseguimento aos trabalhos.

Áurea Maria de Freitas Carvalho

Petrópolis com a sua localização privilegiada, seu clima e belezas naturais são fatores que garantem desde a fundação a sua vocação de cidade de veraneio e de turismo. O principal atrativo do turismo petropolitano e do veraneio é a quantidade de área verde e a pureza do ar. Hoje, naturalmente, não tão puro.

No final da década de 80 a Prefeitura Municipal de Petrópolis organizou um seminário de preservação natural e cultural, que evidenciou entre outras coisas a remanescentes da vocação industrial de Petrópolis, que chegou em fins do século passado a ser o terceiro produtor de tecidos do Brasil. Apresenta em vários bairros de Petrópolis e seus arredores grandes construções que tinham sido e/ou continuavam a ser centro de comunidades operárias providas de vilas, igreja, escola, clube e às vezes centro de atendimento médico-dentário, determinou a formação de uma equipe constituída por representantes da repartição competente da prefeitura, do ISPHAN, atual IBPC, do INEPAC, da extinta FUNDREM e do Instituto Histórico de Petrópolis. Esta equipe tinha a finalidade de viabilizar a fundação de um museu de tecnologia industrial que preservasse também o complexo comunitário ortundo da aglomeração operária. Na realidade é um ecomuseu.

Para estudo dos locais e elaboração do projeto necessitava-se de verba. Começou-se então a contactar instituições patrocinadoras das atividades previstas, entre as quais a FINEP. Para a inscrição na FINEP havia a necessidade de uma empresa de consultoria. Um grupo de profissionais da área de ciências humanas ligados ao projeto criaram, então a Consultoria Técnica. Além desse projeto encarrega-se de outros projetos culturais sobretudo de pesquisa visando a preservação e divulgação dos recursos naturais e históricos do Município e do Estado do Rio de Janeiro, naturalmente inseridos no contexto nacional. Devido à formação de seus diretores encarrega-se também de organização de arquivos, centros de documentação e de pesquisa e cursos de treinamento de pessoal especializado nas áreas. A equipe formada nesse momento pela, Consultoria Técnica, pela Secretaria Municipal de Planejamento e pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico deu prosseguimento aos trabalhos. Passou-se à procura do local.

A procura do local apresentou inúmeras dificuldades. O fechamento de várias indústrias na década de sessenta ocasionou a deterioração dos prédios, descaracterização das moradias das vilas operárias ou destinação diferente dada pelos proprietários aos prédios adequados. Um exemplo é o anexo da Fábrica Cometa no Alto da Serra, que vendido foi demolido e hoje no local ergue-se um supermercado-shopping center. Surgiu então uma idéia de utilizar um local, que embora não contando mais com a presença do edifício da fábrica, da qual hoje só existem as ruínas, contava, entretanto, com inúmeros outros motivos de recuperação e preservação. As antigas instalações da Fábrica Cometa no meio da Serra da Estrela. Trata-se de uma região de mata atlântica com zonas ainda intocadas por mãos humanas e zonas que já foram invadidas e estão em risco de desmatamento e destruição. A região apresenta, ainda, o atrativo de conter vestígios dos caminhos históricos dos séculos XVIII e XIX.

Começou-se a pesquisar a propriedade da área, os herdeiros dos proprietários da Cometa, a família Amado, passaram procuração para pesquisar os gravames incidentes na área e referentes à falência da firma. O projeto, agora, bastante ampliado, com o objetivo da preservação ambiental e de turismo histórico ecológico, além de pretender ser um centro de irradiação de conhecimentos des-

sas áreas foi registrado, então, em 1988, sobre a denominação de Parque Serra da Estrela.

Pensou-se então em criar uma fundação do parque, a fim de viabilizar a captação de recursos governamentais e ou particulares necessários para a implantação do projeto. Havia, entretanto uma fundação, a Fundação de Alta Tecnologia de Petrópolis, cujo presidente, o falecido Dr. Flávio Muniz, sempre colaboram desde o início dos trabalhos, mostrando grande interesse na fundação do museu, prestando o apoio de sua experiência na área industrial. Foi efetivado o convênio com a Fundação de Alta Tecnologia de Petrópolis.

Em março de 91, o governo do Estado do Rio de Janeiro tombou as áreas de mata atlântica existentes no estado, incluindo, obviamente o Parque da Serra da Estrela. Na mesma época a Prefeitura Municipal de Petrópolis declarou a área de utilidade pública. Em novembro, inicia-se o levantamento da comunidade local, bem como das invasões ocorridas. Foi feito, também, um estudo da possível utilização das pessoas instaladas no local para trabalharem no controle e preservação do parque. Em 25 de março deste ano, o prefeito de Petrópolis baixou o Decreto nº 4.910, publicado em Diário Municipal do dia seguinte, destinando verba para o início da implantação do projeto, inclusive desapropriação da área ocupada que não for passível de integração e dos terrenos que ainda estiverem gravados por dívidas dos ex-proprietários da Fábrica Cometa.

Agora estamos tendo o prazer de apresentar o projeto, convidados que fomos pelo Excelentíssimo Secretário de Cultura Dr. Carlos Eduardo Novaes para participar desse evento. Eu vou agora expor o parque e depois mostrarei um vídeo para dar uma idéia melhor do local.

A região do parque é esta contida naquele mapa ali exposto. A área é aquela parte em linha verde. O Ricardo Vârzea é um dos que fazem parte da equipe, juntamente com a da Cristina Machado, que está aqui presente. Ele foi o autor do mapa, o autor da maquete e mostra também a área do parque, a região toda que vamos ocupar e que rodeia o parque.

Bom, eu faço parte da equipe de criação do parque que é da Prefeitura de Petrópolis, onde eu sou funcionária.

Aqui está o sul da Cidade de Petrópolis. Aqui já é o Município de Magé. Essa é a estrada que leva desde Magé até Petrópolis, antiga Estrada Normal da Serra da Estrela. É a primeira estrada no Brasil projetada com normas de estrada propriamente dita, em 1846. Aqui está a Estrada de Ferro Grão Pará criada em 1883 e segunda estrada de ferro do Brasil depois da Barão de Mauá e que faz a ligação com Petrópolis.

É trecho da primeira estrada. Que é continuação da Estrada de Ferro Barão de Mauá, a primeira do Brasil. Aqui também está o Caminho das Lajes Soltas, que é o primeiro caminho pavimentado do Brasil pronto em 1815, por ordem de Dom João VI. E também está o Caminho do Propensa, que é o caminho que ia do Rio de Janeiro para a região aurífera em Minas Gerais, enfim o principal caminho do escoamento do ouro para a Cidade do Rio de Janeiro.

É aqui que foi criada nessa área a Fábrica de Tecidos Velo de Terra, ao final do século passado para abastecer a Fábrica Pólvora da Estrela. Naquela época a parte de armamentos era feita muito com tecido, a parte do pavio, de dinamite, era aquele tecido apertado, uniformes. Quer dizer a Fábrica de Tecidos Cometa foi feita para apoiar a Fábrica de Pólvora da Estrela, criada logo depois que Dom João VI chegou, tendo sido transferida para cá em 1811.

Essa área ainda tem nascentes digamos, não poluídas. Têm muitos rios aqui, alguns pegam uma parte de Petrópolis mas, esses rios estão poluídos com possibilidade de preservação, com possibilidade de estação de tratamento em sua descida. Mas têm muitos não poluídos nas suas nascentes. E a área total é uma espécie de um anfiteatro como o que se vê aqui na maquete. A gente fez essa maquete para ter uma visão geral da área em uma visão especial, espacial da área e ela se volta toda para a Baia de Guanabara. Esse ponto aqui tem aproximadamente 800 metros de altura, esse ponto aqui 300 metros de altura, formando esse sensação de anfiteatro. E a visão da Baía da Guanabara é integral. Ela vai desde a Refinaria de Manguinhos até praticamente Jurujuba. Com uma vista realmente impressionante. Então nós temos uma área que é uma área de mata atlântica primitiva. Temos uma área

com uma vista para um conjunto natural impressionante. E uma área com conjunto histórico formidável. Para complementar. O primeiro lugar de pesquisa dos que vinham para trabalhar aqui era justamente a área do Parque da Serra da Estrela. E é isso que nós estamos querendo preservar com o apoio da Prefeitura, da Fundação de Tecnologia e do apoio digamos de petropolitanos plenamente capacitados para realizar esse trabalho e reunidos numa consultoria que nos ajuda.

A idéia também é que o parque não seja um parque público, quer dizer, a prefeitura deu o ponta pé inicial, com o apoio dessas pessoas, mas a idéia que dessa Fundação, que é uma instituição privada de caráter não lucrativo assuma a direção do parque e na verdade o tem feito, para que o parque não seja vítima de descontinuidade administrativa. É conhecida no Brasil essa interrupção de que um governo faz uma coisa o outro governo não faz e os parques públicos não têm sido bem assistidos assim no Brasil. A gente vê uma série de parques importantes públicos praticamente abandonados. E que essa Fundação abra caminho para uma exploração privada do parque.

Inclusive nós estamos, no momento, para a implantação do parque, precisando de auxílio financeiro, tanto governamental quanto particular. Mas nós pretendemos, com o auxílio do Museu Imperial lá mesmo realizar um seminário. E com profissionais, que são autoridades em marca turístico e em turismo ecológico. Nós pretendemos com isso fazer com que o parque possa futuramente se manter, porque, como disse o Ricardo se nós deixarmos tudo por conta do Estado, do Governo há queda sempre e será mais uma tentativa fracassada daqui a alguns anos. E neste parque nós temos os seguintes objetivos: recuperação e preservação ambiental, nós queremos justamente utilizar conscientemente a área de preservação ambiental, visando interditar e proteger a zona ainda não tocada. Utilizar a área intermediária para estudo e reprodução das espécies vegetais e animais da região, fazendo isso tudo sob a orientação do IBAMA, viveiros e também uma casa do naturalista que, além de expor as colocações e reproduções fotográficas dos espécimes do local patenteie, também os trabalhos de naturalistas que passaram pela

região. E pretendemos reservar acomodações para naturalistas da época atual e estudiosos do meio ambiente, que poderão se hospedar lá e estudar e continuar estudando flora e fauna. Podemos, ainda, utilizar a área periférica para caminhadas ecológicas, sobretudo estudantes, visando a conscientização do escolar e do adolescente para a necessidade da preservação ecológica e para também o turismo controlado. Preservação e restauração do sítio histórico. Pretendemos recuperar esses caminhos que o Ricardo acabou de falar, a variante do Caminho Novo de Bernardo Soares de Proença, no século XVIII, a Calçada de Pedra de Dom João VI, a Estrada de Ferro de Mauá, que ainda apresenta trechos que podem ser recuperados, inclusive uma passagem por um viaduto que está em um bom estado e ainda pode ser utilizado. A Estrada Normal da Serra da Estrela. E outro objetivo é construção de um museu de tecnologia industrial a partir da Fábrica de Tecidos Cometa, pois as instalações estão onde ocuparam o mesmo espaço que ocupou a primeira fábrica de papel da região, a Fábrica Orlanda. Com a compreensão e colaboração dos moradores e um custo reduzido poder-se-á também proporcionar aos frequentadores, aos turistas e aos escolares uma idéia do que era um complexo da fábrica industrial no princípio do século, porque nós vamos utilizar no nosso ecomuseu a vila operária da Fábrica de Tecidos Cometa, com as casas dos operários, a igreja, o clube, que tem o nome da família Amado, Pedro Amado. E pretendemos conscientizar as pessoas da região para que nos auxiliem na manutenção do parque e na sua utilização.

Só um pequeno detalhe. Nessa vila operária da fábrica, os antigos operários receberam as casas em dívidas trabalhistas não pagas pela empresa quando ela faliu. Então muitos desses operários, alguns mais antigos, podem contar a história do lugar e que também, muitos deles são filhos de outros operários e netos de outros operários. Portanto nós temos um núcleo comunitário que pode relatar a história do lugar e mais os moradores que ali chegam e que receberam muito bem todo o processo de cadastramento, animadíssimos que a área se transforme em um parque, e animadíssimos em participar do parque, inclusive como força de trabalho.

Agora, há áreas também em que a invasão se fez exatamente em cima do Caminho das Lajes Soltas, então a ocupação na nascente de rios, há ocupação em cima do caminho, há trechos cercados como propriedade particular em que eles estão fazendo criação, plantando bananeiras, quer dizer desmatando a região. E deteriorando o local. Pretendemos também implantar o turismo histórico e ecológico. Organizar aproveitando os caminhos históricos e as trilhas já existentes para incursões turísticas com limitado número de pessoas de cada vez até às clareiras e locais pitorescos às margens do rio e seus afluentes, sobretudo onde estão localizadas as represas da fábrica. Então a fábrica construiu dentro do rio várias barragens e cada uma dessas barragens forma represas. Essas represas são utilizadas para banho de cachoeira e mesmo para, por religiões diversas fazer ritos religiosos, batismo, rituais de macumba. O local está bem utilizado para este tipo de atividade. Inclusive, ao longo da Estrada Normal existem locais que proporcionam excelente visão da baixada fluminense. Infelizmente, esses locais privilegiados já estão bastante ocupados por casas particulares. As pessoas, na ânsia de conseguirem uma boa visão do Rio de Janeiro, da Baia de Guanabara e da baixada fluminense, elas constroem a casa ao longo da estrada e fica nos privando da vista.

Esse projeto pode, ainda ter articulações com outros projetos que estão sendo viabilizados já. Um deles é o projeto da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, ABPF. Eles estão tentando recuperar o porto de Mauá, onde começava a Estrada de Ferro de Petrópolis, porque vinha-se de barco do Rio de Janeiro, entrava-se até o porto de Mauá e ali, então, passava-se para o trem. E eles estão tentando viabilizar este porto e viabilizar o trecho da estrada de ferro até o meio da serra. O nosso parque poderia tomar do meio da serra e seguir até o alto da serra, ou em um cavalo ou em charrete. Seria um passeio pitoresco e confortável. Outro projeto é o da Universidade de Brasília que está pretendendo recuperar a Fazenda da Mandioca e se localiza justamente no final da Estrada das Lajes Soltas, no caminho que leva para a lagoa.

O parque pretende, portanto, ter várias utilizações. Ecologia, turismo histórico, preservação e ainda utilizando as ruínas da fábrica nós vamos construir um museu de alta tecnologia industrial, recolhendo o maquinário antigo de Petrópolis, as fotografias existentes, enfim todos os remanescentes da arqueologia industrial para construir lá um museu, um museu tradicional. Mas esse museu será equipado também de pequenas oficinas em que sejam ministrados cursos profissionalizantes para atender a demanda das indústrias, das empresas de Petrópolis. Naturalmente já não mais de tecidos mas a parte industrial de Petrópolis se desenvolveu muito, hoje é bastante atualizada. Nós temos vários tipos de empresas.

Em relação à exploração pela iniciativa privada, ela se referiria a pousadas, centros de diversão, também empresas que quisessem participar dos centros de investigações de tecnologia. Agora, num âmbito de um plano diretor do parque feito, por pessoas capacitadas para fazê-lo, e respeitando isso. A idéia é que tenha alguém que cuide efetivamente do parque. Quer dizer que possa, que cuide do parque como um fator de sustento material seu, como garantia de que esse parque se preserve e não seja abandonado e invadido por mais títulos e decretos e leis que tenham. Agora, dentro de um quadro de respeito e de elaboração técnico-científico da área através de um plano diretor.

Esse vídeo foi feito muito às pressas e ele não mostra todas as particularidades, todos os pontos pitorescos do parque. Mas é só para dar uma idéia. Este ponto é visto do alto e em dias sem nuvens vê-se daí também a Baia de Guanabara e a baixada e aí estão localizadas as torres da Telerj e Embratel.

As altitudes do parque variam de 1500 metros a 300 metros sobre o nível do mar.

Agora nós vamos ver bem próximo ao Caminho das Lajes Soltas as propriedades que já estão se estabelecendo no local.

Plantações de bananeiras porque se estabelece um sítio, um barracão e faz uma plantaçãozinha de bananeira.

Essa é uma das represas. A represa da Fábrica Cometa.

Esses rios já estão bastante poluídos.

Já vamos chegando às ruínas da fábrica. Que consta de apenas de duas chaminés e um muro baixo onde foram as salas de trabalho.

Elas já estão completamente invadidas, pelas cabanas.

Esse é um dos sítios. O sítio do delegado, cercado com arame farpado, com cerca e com esta tabuleta.

Aqui nós estamos na Estrada Normal da Serra da Estrela, justamente na entrada de onde se vai às ruínas. Essas casas fazem parte da vila. Nessa entradinha há uma área que pode ser utilizada para estacionamento. Tem bastante espaço. A chaminé. Dentro do local das ruínas já estão estabelecidas barracas.

Até tijolos dessas ruínas, essas pessoas estão tirando para construir casas. Já estão acabando.

Essa é uma casa bem construída, bem dentro das ruínas, no local das ruínas. E aqui terminamos. Obrigada.

Lourdes Novais

Denominamos atividades a céu aberto a integração do homem a seu patrimônio natural e cultural.

A partir de 68, na cidade do Rio de Janeiro, um grupo de especialistas multidisciplinares, incentivados e coordenados pela conceitualizadora dos projetos, Fernanda de Camargo-Moro, dava início a uma série de trabalhos no campo da pesquisa, preservação, interpretação e comunicação do patrimônio natural e cultural, buscando criar, através de linguagem própria, uma inovação museológica permanente e que refletia e preconizava mudanças profundas que tiveram papel preponderante na mentalidade no fazer museológico de nosso país, a partir de então.

Essas pesquisas coincidiram com as novas idéias que partiam de diversas partes do mundo e que foram veiculadas, internacionalmente pelo ICOM e mais tarde pela UNESCO. Oriundas do resultado direto da observação das novas expectativas dos diferentes segmentos da comunidade brasileira com relação a seu patrimônio, estas atividades mostravam que não mais aceitavam conceitos vazios resultantes de formas miméticas desgastadas e alienadas da nossa identidade cultural e que por isso mesmo eram repudiadas.

Para iniciarmos essa reflexão é preciso lembrar que essas experiências a céu aberto não significavam apenas experiências propostas por ecomuseus, mas propostas que vinham sendo já trabalhadas dentro do conceito do patrimônio natural e cultural e sua comunicação junto à comunidade. De um modo geral refletem atividades externas realizadas extra-muros, dirigidas aos elementos de uma comunidade onde o social é trabalhado através do meio ambiente natural e cultural. Quando organizados em bases científicas, podem ser um grande fator de integração social caracterizando-se pela interatividade, o que faz com que, em muitas delas, não seja fácil distinguir onde começar o público, onde ele se transforma em objeto de experiência, de apresentação e mesmo de exposição. Forte elemento catalisador, as experiências coletivas a céu aberto, requerem em sua organização, uma conceitualização de base científica multidisciplinar cuja finalidade é o homem como ser participativo e criativo e a revitalização de seu patrimônio através de conhecimentos e da vivência, afim de alcançar de forma lúdica e criativa uma melhor qualidade de vida e um desenvolvimento mais consciente de seu meio ambiente.

É importante lembrar aqui alguns pontos concretos para o estabelecimento desse tipo de atividade. Então, nenhum tipo de experiência aqui citada teria surtido efeito se não fosse feita a partir de uma pesquisa interdisciplinar do patrimônio, quer seja, natural ou cultural da comunidade a ser trabalhada. Você vê, nada brotou espontaneamente sem uma base de pesquisa, sem uma consciência daquilo que se queria trabalhar.

Outro ponto importante, que foi sempre imprescindível uma equipe treinada permanentemente reciclada, composta principalmente por elementos do seio da comunidade e elementos externos mas que faziam um grande esforço de pesquisa para entenderem a realidade das comunidades trabalhadas. Outro ponto também levantado, foi o compromisso ético dessa pesquisa e da comunicação desse conhecimento junto às comunidades. A transparên-

cia e a humildade dos cooperadores e o respeito à opinião e à realidade dessas comunidades.

Em 1970 surgiram as primeiras atividades a céu aberto proposta por esse grupo pioneiro através do Centro de Pesquisas Iconográficas do Brasil (CEPIB), para o projeto "Santa Tereza, revitalização de um bairro". Um dos produtos do resultado prático dessa nova postura e cuja antecedência se situava na experiência do Projeto Pandora, Banco de Dados de Informações Interdisciplinares, representado por um Kit composto por elementos audiovisuais que permitiam a comunicação da informação nas áreas de arte, das ciências e que podiam ser utilizados por várias faixas etárias.

O projeto de Santa Tereza vinha exemplificar o alcance da comunicação, oriunda desse tipo de pesquisa feita a partir dos elementos componentes do patrimônio do bairro onde o social tinha sempre trabalho junto ao natural e cultural utilizando métodos simples, alternativos e criativos através dos quais eram passadas informações de arte, história, ciências naturais, ciências e tecnologia caracterizados pela participação e interatividade da comunidade. Neste projeto o bairro e seus habitantes, seu meio ambiente natural e cultural formavam um grande laboratório onde era utilizada a filosofia dos ecomuseus. A ação se passava nas ruas, nas praças onde os participantes integrados levantavam o cadastramento da arquitetura do bairro com casas, templos, igrejas e os estabelecimentos comerciais como quitandas, o barbeiro, o botequim.

Este cadastramento utilizava os métodos da documentação museológica e desta forma, foram resgistradas e classificadas árvores que poderíamos chamar de monumentos, tipos de plantas, animais, transportes como o bonde. E também os artistas do bairro, os ofícios, os tipos característicos como o leiteiro, o peixeiro, o jardineiro. Muitos hoje que já não existem mais. A feira livre semanal era trabalhar interdisciplinarmente com as crianças para ensino e prática, não só da matemática moderna, como também de botânica e nutrição. As festas anuais do calendário como a quermesse da festa da padroeira do bairro, o carnaval e seus desfiles eram pretextos para exposições

montadas pelos próprios habitantes sobre os temas de arte e artesanato.

Os museus do bairro, os ateliês dos artistas eram visitados constantemente pelos moradores e trabalhos de criatividade artística eram propostos inspirados em seus acervos tendo como resultado peças de teatro, dança, pintura e escultura. A tradição oral era coletada junto aos moradores, não só mais antigos, como os atuais. Jogos didáticos foram criados a partir dessa experiência que mais tarde viriam a ser utilizados em cursos e seminários de diferentes temáticas inclusive na prática museológica. Esta experiência imprimiu nos seus participantes uma forte noção de espírito crítico, e de luta pela preservação dos valores patrimoniais daquele bairro.

É preciso lembrar que essa experiência foi feita sem qualquer ajuda econômica por parte de qualquer tipo de autoridade. Foi o resultado do trabalho criativo de pesquisa de um grupo de entusiastas, moradores ou não do bairro, que assim criaram o Museu Conceitual de Santa Tereza.

A partir de 73, com o Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente, outras experiências a céu aberto começaram a surgir dentro dessa mesma linha de trabalho, cujo objetivo é o homem como elemento participativo e criativo afim de que este homem alcance tudo o que ele possa de melhor através de sua vida e através da preservação consciente de seu meio ambiente total. Frutos dessa filosofia, surgiram ainda outros projetos de atividades a céu aberto propostos para o desenvolvimento museológico do Museu de Imagens do Inconsciente, onde a coleta do acervo era feita dentro dos padrões da guarda das coleções de um ecomuseu e consideradas sem preconceitos e trabalhadas para a melhoria dos estados dos doentes: os loucos.

Nas atividades dinâmicas da antiga superintendência de museus nós também vamos ver que essa linha de propostas onde alguns elementos estavam trabalhando, desde o início foi: pesquisa, ética, criatividade e sensibilidade. Acrescentada a essa postura encontrava-se a proposta do treinamento especializado constante e a reciclagem da equipe envolvida. Do sistema integrado de

museus estabelecido, do trabalho integrado nas áreas da museologia e dinamização e comunicação nasceram experiências intra e extra-muros, a céu aberto ou não, desenvolvidas no museu piloto da superintendência, o museu do Primeiro Reinado. A partir da leitura e pesquisa museológica do prédio do museu, a casa da Marquesa de Santos, concertos de música de época e peças de teatro foram levadas ao ar livre. Projetos como a horta comunitária, feita pelas crianças, tinham a preocupação de ligar os elementos aos culturais e o ensino informal, não só da ciência como da arte utilizando-se para tal, oficinas de criatividade ao ar livre.

Estes trabalhos vieram a culminar com o projeto São Cristóvão cultural que se poderia denominar o ecomuseu de um bairro ou de um museu aberto, dinamizado pela participação ativa da comunidade integrada à equipe de especialistas. O entrosamento da comunidade era tão grande que vivia-se permanentemente uma programação intensa que era anunciada diariamente pelo carro que fazia a entrega do Café Capital. Neste projeto estabeleceu-se uma cooperativa de museus, instituições culturais a serviço do bairro, como o Museu do Primeiro Reinado, o Museu Nacional, o Jardim Zoológico, o Observatório Nacional, o Mercado do Nordeste, a praça com seu coreto, restaurado por força de seu projeto para abrigar concertos com bandas, grupos de chorinho, estabelecimentos educativos e culturais, blocos de escolas de samba, cujo trabalho animava o bairro e motivavam sua comunidade como havia acontecido em Santa Tereza, mas em muito maior escala. Nesse projeto buscou-se preservar o patrimônio natural, cultural, a vida quotidiana, a história viva de uma comunidade e a participação de uma melhoria comum para sua real preservação.

Ainda nessa mesma linha de ação, outros projetos ao ar livre ou a céu aberto foram desenvolvidos fora, ou no Rio de Janeiro, como a atividade realizada no Museu do Homem do Piauí onde foram realizados trabalhos de comunicação com o pessoal do mercado que existia ao redor do prédio daquele museu, revitalizando grupos de bumba-meu-boi, recuperando e transmitindo à gerações mais novas receitas culinárias especialmente feitas para aquelas

manifestações da festa popular. E tudo isso culminou, ainda mais, com as propostas feitas no plano diretor para o Museu de Astronomia e Ciências Afins e principalmente as múltiplas realizações do ecomuseu da Itaipu. Como os trabalhos que foram e são feitos junto à comunidade daquela região da barragem e do em torno do lago de Itaipu, como, com a finalidade de esclarecimento, incentivo do saneamento, ensino de métodos para construção de poços artesianos, saneamento da água, métodos de agricultura para melhoria de vida e aproveitamento das safras, a trilha ecológica, o refúgio biológico e seus métodos de preservação e de ensino de finalidades preventivas, as festas sazonais.

Todos esses aspectos e exemplos são apenas algumas das manifestações de apoio para cumprimento dinâmico daquele ecomuseu.

Bom, todas essas manifestações vivas, somadas a diversas outras atividades de vanguarda que vinham e vêm sendo desenvolvidas no Brasil proporcionaram uma escala maior para essa nova tomada de posição no desenho do museu brasileiro. Obrigada.

Fernanda

Muito obrigada à Lourdes. Eu vou falar só uma frasezinha, que eu continuo muito preocupada com as pessoas que dizem: o museu ou o ecomuseu. O ecomuseu é um tipo de projeto dentro da área de museus integrados, museus ligados ao meio ambiente de novas visões de museu. Ele não é um museu ou ecomuseu. Um museu é uma coisa globalizante, o ecomuseu é uma das atividades que se faz. Então a repetição constante da frase o museu... os museus são divididos em museus ou ecomuseus isso é uma coisa preocupante do momento em que nós estamos dirigindo esse seminário com uma série de pessoas que estão interessadas em penetrar nesse tipo de projeto.

Então eu queria só que nós tivéssemos um modo de pensar sobre ecomuseu como uma alternativa. Existem outras, não é só essa alternativa que existe quando nós queremos fugir do museu tradicional.

Então eu gostaria de dar a palavra a vocês.

Magali Cabral

Eu vou ser a primeira logo, me levantei imediatamente, porque acho que eu pego a parte da manhã com a parte da tarde. Agora, essa colocação de museu, ecomuseu, museu tradicional, ecomuseu. Acho que no fim da manhã, hoje, ficou claro que o museu tradicional tem seu lugar, o ecomuseu tem seu lugar, o museu tradicional e a Maria Regina mostrou bem, quer dizer o museu tradicional pode trabalhar junto à comunidade.

Eu acho que na verdade o que se perdeu durante um bom tempo na área da museologia assim como na área da educação, foi a questão da função social do museu, a função social do educador, a função social do museólogo. E que agora eu acho que vem sendo rediscutida, retomada. E aí eu acho, o projeto São Cristóvão Cultural, não é um ecomuseu, não há um ecomuseu em São Cristóvão.

O projeto São Cristóvão Cultural tinha a filosofia que preside a ecomuseologia. E aí eu gostaria de também apresentar a oportunidade de dar um exemplo de continuidade do trabalho. Quer dizer, a partir do projeto São Cristóvão Cultural a direção seguinte do Museu do Primeiro Reinado cria a sala museu, a sala memória de São Cristóvão com a proposta, regida pela ecomuseologia, e não era um museólogo, buscando trabalhar com a comunidade do bairro, e mais adiante, quando eu assumo a direção do museu, dou continuidade à sala memória, buscando trabalhar com os diversos segmentos da comunidade do bairro de São Cristóvão. Que a comunidade do bairro de São Cristóvão é ampla demais.

Tem diversos segmentos na comunidade do bairro. E a atual gestão dá continuidade e a sala memória de São Cristóvão está tendo a sua continuidade. Quer dizer, eu não vim nem até fazer uma pergunta mas insisto. Quer dizer, o projeto São Cristóvão Cultural que gerou a sala memória de São Cristóvão que está hoje, lá atuante no museu, trazendo a comunidade para dentro do museu. Os moradores do bairro, hoje, freqüentam o museu. Não é um ecomuseu de São Cristóvão. Mas é a filosofia da ecomuseologia. Não é isso?

Lourdes

Entrou inclusive no texto São Cristóvão, desculpe eu responder porque eu coloquei: São Cristóvão, um ecomuseu de um bairro. Eu explico bem isso. É o seguinte: ele é uma interpretação ecomuseográfica de uma proposta. Um primeiro passo para o que se poderia ser. Inclusive, logo que você vai e começa o trabalho para um ecomuseu é feito um circo; na hora em que o ecomuseu começa não se arma a tenda e o palhaço chega. Então no primeiro passo você tem que ir tateando um dos ecomuseus mais conhecidos do mundo, quando ele já era considerado ecomuseu, eu cheguei no bairro, fora daqui do Brasil, e perguntei para uma pessoa do bairro: "você sabe onde é que o museu, o ecomuseu e ela não sabia. Aí o diretor estava atravessando a rua, eu corri atrás dele, era naquela sala. O ecomuseu não tinha ainda segurado a comunidade inteira. Então, aquele projeto São Cristóvão ia ser o primeiro passo para a transformação posterior de um ecomuseu de uma região. Então é isso que a gente tem que fazer, não é só ecomuseu, aquilo que eu disse antes. Porque eu me preocupei quando o Mário falou também. O ecomuseu é uma das propostas que saíram, não da mesa de Santiago porque o museu integrado saiu da conferência de Grenoble de 1971, nós estávamos lá e vimos e foi repensado em termos governamentais em Santiago do Chile. Então é uma das idéias de museu integrado. Os museus integrados aparecem sob diversas formas.

Áurea

É, eu queria colocar uma coisa interessante também. Essa segunda parte dessa continuidade evolutiva que a Magali mostrou agora é uma coisa muito interessante da gente ver quando se fez um trabalho muito na base do social cultural, não é? Então, por exemplo, o homem desse bairro que viu nascer a primeira etapa do São Cristóvão Cultural e que se tornou também um cliente dessa atividade, do momento em que a atividade não tomou novos rumos mas teve uma nova continuação com a sala São Cristóvão Cultural automaticamente esse homem que já estava trabalhado socialmente e culturalmente ele aten-

deu a essa chamada e ele vem e freqüenta o museu. Acredito que quando os projetos são bem plantados, quer dizer, dentro do direcionamento, da dimensão do homem e vem ao encontro dos anseios dele como morador de bairro, como ser cultural, como ser morador de uma cidade maior onde o bairro está incluído, qualquer clique que você faça você tem a clientela. Pode não ser em um número maior, pode ser em um número menor mas eles sempre virão eles sempre estão ali. Então hoje houve o início de uma discussão aqui sobre o público, uma pessoa levantou que os museus não têm público e tal justamente esse hábito que a gente cria ele tem que ser um hábito que corresponda àquilo que a gente queira entender, queira ver. Ao que nos é dado a compreender. Então a gente cria, justamente, esse elo de ligação onde a pessoa passa eternamente a te acompanhar. Eu falei muito rápido na história do homem do Café Capital que anunciava as atividades do Primeiro Reinado. Então isso é uma das coisas mais incríveis do mundo, porque esse carrinho do Café Capital ele entregava mercadorias, que eram vendidas. Mas ele era um morador do bairro, ele se sentia tão integrado que quando ele passava na frente do museu ele começava a perguntar qual era a atividade e dali ele saía anunciando pelo bairro todo. Então essa participação é o que a gente quer. E uma outra exemplificação é o seguinte: eu hoje até estava comentando com a Maria Regina a estória do peixeiro que existe em Santa Tereza e que é conhecido por gerações de pessoas que moram ali, não é, ele até hoje ele pergunta: "O dona! Quando é que a gente vai fazer a quermesse de novo? Cadê a sua amiga? Onde está o seu marido?" Entender, então são pessoas que criaram um elo quase que familiar, e aí é o trabalho do sensível, da emoção que esse tipo de trabalho, quer dizer essa conceitualização do homem como ser social, através do social existe. E é esse veio que, eu vou usar uma palavra que pode, às vezes ser mal interpretada, mas esse veio é que a gente tem que explorar, para poder ter uma resposta a curto e longo prazos que é a que nos interessa sempre.

Fernanda

Mário, para você. Você hoje levantou uma pergunta de manhã, que é uma interação sua, uma inquietação, talvez nossa, que estamos ligados de um ponto de vista mais conceitual com a museologia que era o que, como é que, quais problemas que dão se um museu tradicional vira um ecomuseu ou se um ecomuseu vira um museu tradicional. Queria que você pensasse um pouco isso não do ponto de vista institucional, nem do ponto de vista de uma ciência nosológica. Queria que você pensasse isso de uma dimensão muito mais ampla que é esse foco de discussão da função social do museu que me parece sair um pouco dos muros da nossa pequena academia e que se espalha, na própria relação que o museu estabelece com a comunidade.

Mário Chagas

Na realidade quando eu havia posto essa questão foi dentro de uma dimensão, de provocação, para que nós estivéssemos abertos para pensar esta possibilidade. Ora, um ecomuseu, criado como tal, essa criação é garantia de que ele permanecerá permanentemente como tal? Ou pode haver um momento em que esse ecomuseu deixa de ser um ecomuseu? Ora, nós aí estamos tratando de duas coisas ou de três coisas fundamentais, eu diria. Uma é o nome ecomuseu. O nome ecomuseu eu posso aplicar às coisas mais variadas, eu posso chamar de um ecomuseu um coelho azul, eu posso chamar de um ecomuseu meu sofá, posso chamar de ecomuseu as coisas que eu quiser. Posso dar o nome de ecomuseu a minha loja, eu não tenho uma loja. Isso é um nome. Outra coisa é um conceito ecomuseu. O conceito ecomuseu já exige uma definição mais precisa, quer dizer, ele, na realidade só pode ser aplicado de acordo com certos critérios. O conceito é, também uma delimitação. A instituição ecomuseu é completamente diferente do conceito. Eu posso ter uma instituição ecomuseu que, em um certo momento, está adaptada a esse conceito e em outro momento não está. Até porque todo o conceito, por natureza, é muito mais dinâmico do que a instituição que é mais enraizada. Ora, e esse raciocínio, que é válido

para o museu, é válido para a escola, é válido para "o museu". Na realidade me incomoda muito, às vezes, o seguinte: nós temos uma tendência de trabalhar com uma série de categorias que, na minha opinião elas não delimitam fronteiras muito claras. O que é próprio da categoria é delimitação de fronteiras. Ora, se eu passo a trabalhar com uma série de categorias como Nova Museologia, Ecomuseologia, Museologia e não delimito a fronteira entre essas coisas, ao invés de auxiliar o meu raciocínio, isso atrapalha o meu raciocínio. Então eu, pessoalmente tenho uma visão puramente pessoal, por questão de metodologia, eu prefiro não trabalhar com idéias de ecomuseologia, entende. Eu prefiro trabalhar com a idéia de museologia. Aplico o adjetivo nova simplesmente para estabelecer ruptura com o paradigma anterior. Só com esse objetivo, que eu aplico o adjetivo nova. Que pretendo, em pouco tempo, abrir mão do adjetivo nova. Por que isso? Porque, estudando a museologia do passado, eu percebo que em 45 se usou o adjetivo novo ao museu, à museologia. Esses adjetivos vão e voltam. Portanto, eles dizem muito pouco. Agora, a questão da passagem de um museu, que é tradicional, para o ecomuseu, não é, nesse sentido eu penso no seguinte: não se trata de necessidade. Niguém tem necessidade de transformar um museu que é tradicional em um ecomuseu. Isso não é uma coisa necessária. Agora, se o ecomuseu é conceito, se o ecomuseu é método de trabalho, eu posso aplicar um método de trabalho a um museu tradicional. Sem ter a intenção de transformá-lo institucionalmente em um ecomuseu. Porque a minha preocupação não é nome. A minha, quer dizer, o que me preocupa, efetivamente, é funcionamento. É isso que de fato me preocupa. Então se é um método de trabalho, não é, se ele é um conceito e é um método... que se traduz através de um certo método, eu posso aplicar esse método, não vejo nenhum problema nisso.

Eu não tenho nenhuma experiência de visitar nem de trabalhar em nenhum ecomuseu. O que eu tenho, na realidade, são modelos teóricos que posso pensar sobre esses modelos teóricos. O que me interessa é o modelo teórico.

Fernanda

Tem mais alguém que queira fazerr mais pergunta?

Maria Célia

Não é bem uma pergunta é uma consideração que eu vou fazer à respeito do trabalho do Márcio, que eu achei muito interessante, Márcio. Você é uma pessoa da área de física, está aqui presente nesse encontro mostrando que está realizando um trabalho sem perder de vista a noção de historicidade. Eu acho que isso demostra que nós estamos construindo uma nova ciência. Uma ciência que leva, sobretudo em consideração o fazer histórico. Seja ele na área das Ciências Humanas, seja na área Exatas, seja na área Biológica, nós não podemos perder de vista a noção de espaço e tempo histórico. Eu acho que isso é fundamental, isso é muito importante, nós devemos estar atentos em todo momento.

É a segunda vez que ouço você falar. Estive lá no seminário latino-americano e, normalmente me sinto feliz em ver essa experiência. Você, nesta área, trabalhando com o fazer científico que leva em consideração o espaço tempo histórico. Infelizmente, agora eu uso esse espaço para fazer, até, uma denúncia. Nós estamos passando nas universidades federais desse país um risco muito grande nesse momento quando existe no nosso Congresso uma proposta de tornar as universidades centros onde vão ter os seus próprios orçamentos e estes orçamentos serão buscados através de financiamentos de empresas e, neste país, vai ser muito difícil nós encontrarmos empresários para financiar alguma coisa na área das ciências humanas. Então nós vamos ter técnicos trabalhando sem noção de historicidade. Nós vamos ter pessoas trabalhando sem entender a sociedade, as suas transformações e o fazer cultural. E isso é muito sério. Eu acho que nós temos que refletir no momento em que nós estamos aqui falando em ecomuseus, de museologia. Porque a museologia não está dissociada de todo o fazer social político e econômico desse país.

Márcio

Eu queria agradecer, Maria Célia, essas observações que me emocionaram. E realmente, esse aspecto da historicidade eu acho que é extremamente importante é uma historicidade indisciplinada da própria história com essas representações no tempo e no espaço. E é uma questão que nos leva a aproveitar só a referência às Ciências Humanas e Exatas ou às Naturais como eu chamei, que na observação a respeito da referência ao Guiness Book, sobre os sinais onde ele toca mais nas ciências indisciplinares e mais próximas das ciências humanas, ele toca de leve em Galileu e faz pouca referência às Ciências Exatas mencionando o fato delas não serem tão exatas. E, de certa forma, até a ciência mais moderna demonstra uma maior inexatidão das ciências exatas. E seria bom que nesse rompimento de fronteiras a gente passe a abandonar termos tais que: Humanas e Exatas, Inexatas, Desumanas, porque no fundo existe uma coisa só. Melhor, existe uma ciência como instituição social dessa nossa sociedade. Mas existem, além dela, inúmeras ciências de várias sociedades, e especialmente de várias culturas. Então com essa idéia de que existem várias ciências não há a menor possibilidade de definir o que significam essas fronteiras entre o natural, o social, o cultural e o espiritual.

Fernanda

Agora eu acho que é Vera Alencar.

Vera Alencar

Eu queria abordar um tema que é um pouco difícil de abordar. Chama-se avaliação. É uma coisa que na minha concepção de trabalho em museu é importante, seja ele ecomuseu ou museu tradicional, qualquer um deles. Como você lida muito com a mudança de atitude, mudança de comportamento, com todas essas características não mensuráveis, vamos dizer. Então a avaliação se torna uma coisa difícil para mim. Eu queria saber se algum de vocês, que já vêm desenvolvendo esses trabalhos a algum tempo possa avaliar essa experiência e se pode dizer de que maneira isso foi feito. Isso me preocupa, porque do momento

em que nós estamos falando da validade, ou da pertinência, ou do que seja, de uma nova proposta metodológica de trabalhar com museus, como é que ficaria, ou como é que fica para você. Não é uma cobrança e sim um questionamento, um interesse, uma curiosidade minha. Saber se alguém tem essa experiência de avaliação dos projetos já executados.

Maria Regina

Vera. Quando eu li números eu não estava avaliando. Eu sei que a sua pergunta não tem nada a ver com isso. Mas nós temos uma avaliação dos nossos projetos a partir dos resultados de comportamento dos professores do ensino de primeiro e segundo graus, das crianças, poucas que nós trabalhamos, só 250, nós consideramos um número muito tímido, e do próprio fazer dessas comunidades pesqueiras que foram atingidas. Nós estamos começando o projeto. Apesar de 3 anos nós nos consideramos ainda no início do projeto. Porque muita coisa tem ainda que ser feita e nós estamos aprendendo com ele também. Esse é o lado, vamos dizer, acadêmico do projeto.

Fernanda

Aqui encerramos nossos trabalhos por hoje. Boa tarde para vocês.